



LIVRO

f

AROL



FACULDADE DE LETRAS DA UFMG

DIRETORA | Sueli Maria Coelho

VICE-DIRETOR | Georg Otte

LABED - LABORATÓRIO DE EDIÇÃO

COORDENADORA | Emília Mendes

ESTAGIÁRIOS

Ana Cláudia Dias Rufino

Denise Cristina Campos

Ytalo Andrade

Lorrany Cristina da Silva

Vitória Roscoe

Isabella Guedes

COMISSÃO EDITORIAL

Elisa Amorim Vieira

Emília Mendes

Fábio Bonfim Duarte

Luis Alberto Brandão

Maria Cândida

Sônia Queiroz

Av. Antônio Carlos, 6627 - sala 4083

31270-901 - Belo Horizonte/MG

(31) 3409-6072

originais.fale@gmail.com

www.lettras.ufmg.br/vivavoz

LIVRO FAROL

organizador | Luis Alberto Brandão

LABED | Belo Horizonte | 2022



ORGANIZAÇÃO | Luis Alberto Brandão

CURADORIA TEXTUAL

Deborah Gomes

Ernani Natalício Ferreira da Silva

Estella Vidotti Fernandes Esteves

Joyce Bessa

Marcos Alexandre dos Santos

Mateus Cunha Melo

Sarah Ribeiro Félix

Sofia Maria Pires de Melo

**PROJETO GRÁFICO,
PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS
E DIAGRAMAÇÃO** | Alice Masago

REVISÃO

Denise Cristina Campos

Ytalo Andrade

ISBN

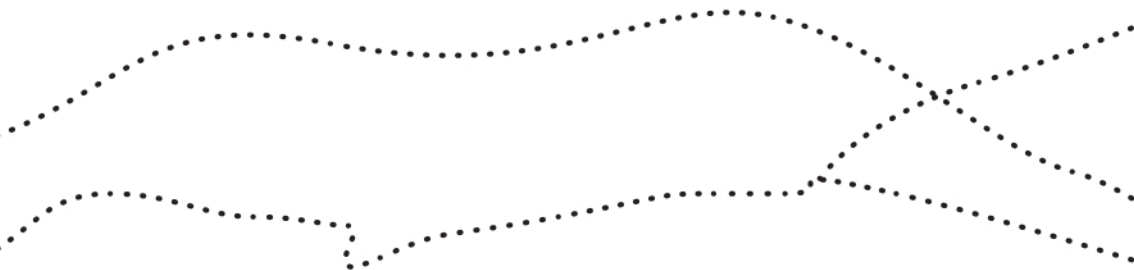
978-65-87237-58-9



O presente trabalho se vincula à pesquisa desenvolvida com apoio do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – e da Fapemig – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

Nossos calorosos agradecimentos a todos que apoiaram, das mais diversas formas, a criação desta coleção e deste livro, em especial Graciela Inés Ravetti de Gómez, Sueli Maria Coelho e Georg Otte, diretoras e vice-diretor da Faculdade de Letras da UFMG, Sônia Queiroz, Emília Mendes e Cristiano Barros, coordenadores do Labeled – Laboratório de Edição da Fale.

Nosso muito obrigado às valiosas sugestões de Fernanda Goulart, à dedicação de Ana Cláudia Dias Rufino, Denise Cristina Campos, Ytalo Andrade, Lorrany Cristina da Silva, Vitória Roscoe e Isabella Guedes, estagiários do Labeled, e a todos que, com pleno entusiasmo, participaram das atividades que geraram o material e o horizonte de desejos que compõem esta publicação.



SUMÁRIO

ASAS ABERTAS | 19

Luis Alberto Brandão

OS DOIS CHAVÕES MAIS ESTRANHOS | 27

Renato Mendes

SAL DE ROCHA | 28

Marina Alves

SOMOS SOMAMOS | 30

Vinício Braga Marzano

RASCUNHOS ARTIFICIAIS OS ARTIFÍCIOS | 32

Circe Clingert

MEUS PÉS DE SANTA TERESA | 40

Luana Muniz

DESENHAR UMA CANÇÃO COM PALAVRAS | 42

Bruna Kalil Othero

DO ORIN AO ORUN | 44

Thaynara Faleiro Malta

LAVRA | 46

Thaynara Faleiro Malta

EU EQUÍVOCO | 49

Ernani Natalício Ferreira da Silva

53 | TRAJETO ATÉ O CORTE

Joana Andrade

56 | PC AMBÍGUO

Ernani Natalício Ferreira da Silva

59 | CARDIOPATIA

Luana Muniz

60 | MÚSICA

Circe Clingert

67 | VOLTA

Renato Mendes

70 | ANSIEDADE

Lilian Martins Ramos

74 | OS CINCO GATOS MAIS FAMINTOS

Sthefanie Magalhães Castro Paiva

76 | APÊNDICE

Beatriz Fontenelle

78 | DEPRESSÃO PÓS-PARTO

Bruna Kalil Othero

III. ECOS

ESPÓLIO | 83

Thaynara Faleiro Malta

MORIANA | 85

Lilian Martins Ramos

DIÁLOGO COM CLARICE | 88

Bruna Kalil Othero

AO LONGE | 92

Sofia Maria Pires de Melo

ESOTÉRICO | 95

Ernani Natalício Ferreira da Silva

U: UNIVERSO PARADOXAL | 96

Mirian Oliveira

SINTO MUITO | 98

Beatriz Fontenelle

AS TRÊS PALAVRAS MAIS ESTRANHAS | 100

André Victor

105 | CATADOR DE CONCHA

Marina Alves

110 | PRÉ-ESCOLHA

Circe Clingert

112 | BABILÔNICA HORA

Luana Muniz

116 | L R S M N R S C S S

André Victor

118 | A PONTE

Deborah Gomes

122 | SIGNÂNCIA QUASE CÉU

Ernani Natalício Ferreira da Silva

128 | AS TRÊS PESSOAS MAIS ESTRANHAS

Bruna Kalil Othero

130 | FAROL

Iago Passos

143 | BASTIDORES

Estella Vidotti Fernandes Esteves

144 | CARTA NÁUTICA

Sarah Ribeiro Félix

146 | NÓS

Deborah Gomes

148 | PAPÉIS ESPALHADOS

Joyce Bessa

150 | SOBRE A ARTE DE CURAR

Marcos Alexandre dos Santos

154 | POST SCRIPTUM

Sofia Maria Pires de Melo

156 | UM EXERCÍCIO DE CRÍTICA LITERÁRIA

Ernani Natalício Ferreira da Silva

160 | RELATOS DE ENVELOPES

Mateus Cunha Melo

INEFÁVEL

Felipe Henrique da Silva Magalhães

ÂNCORA

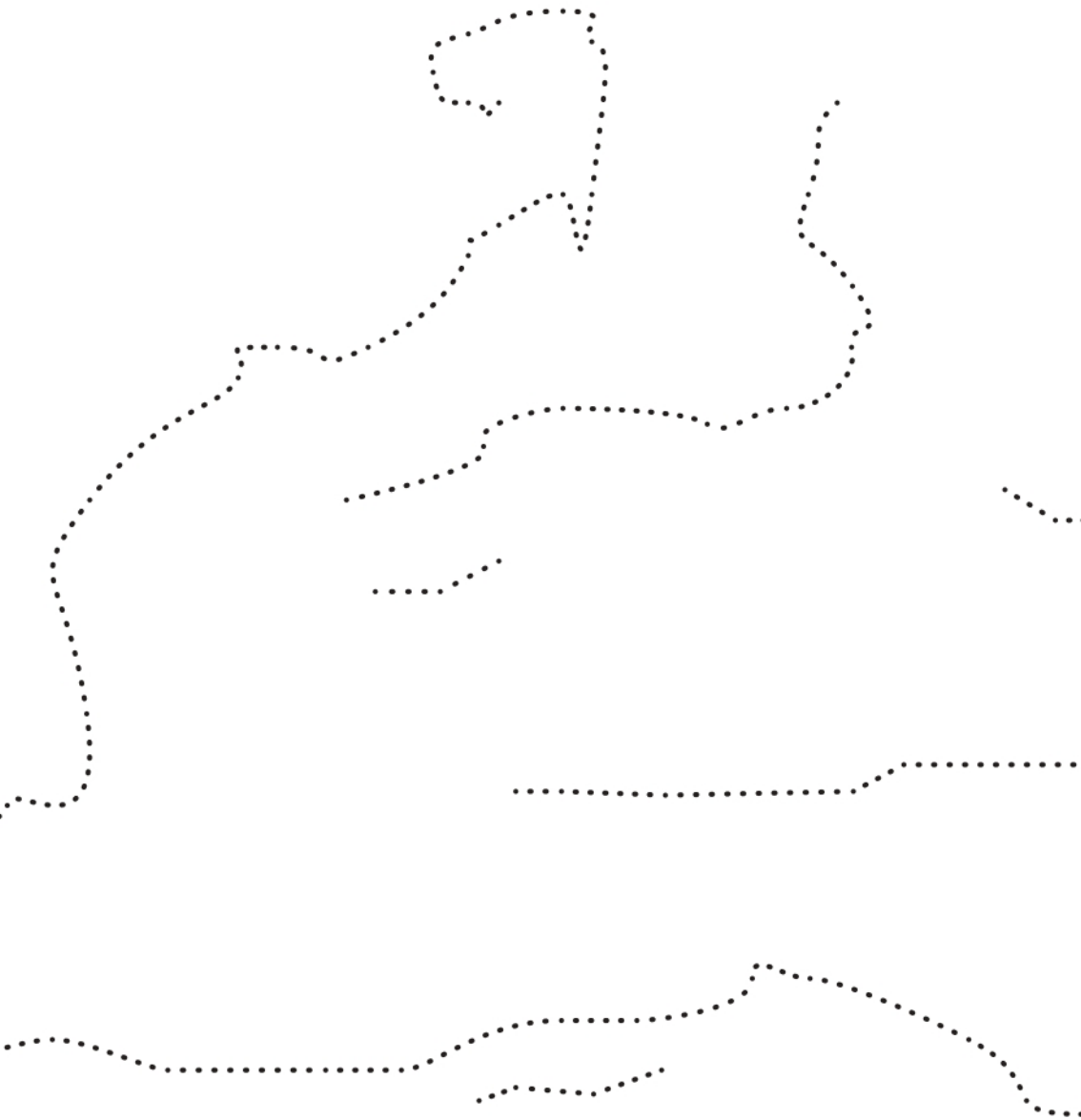
Carla Neves

REESCREVER

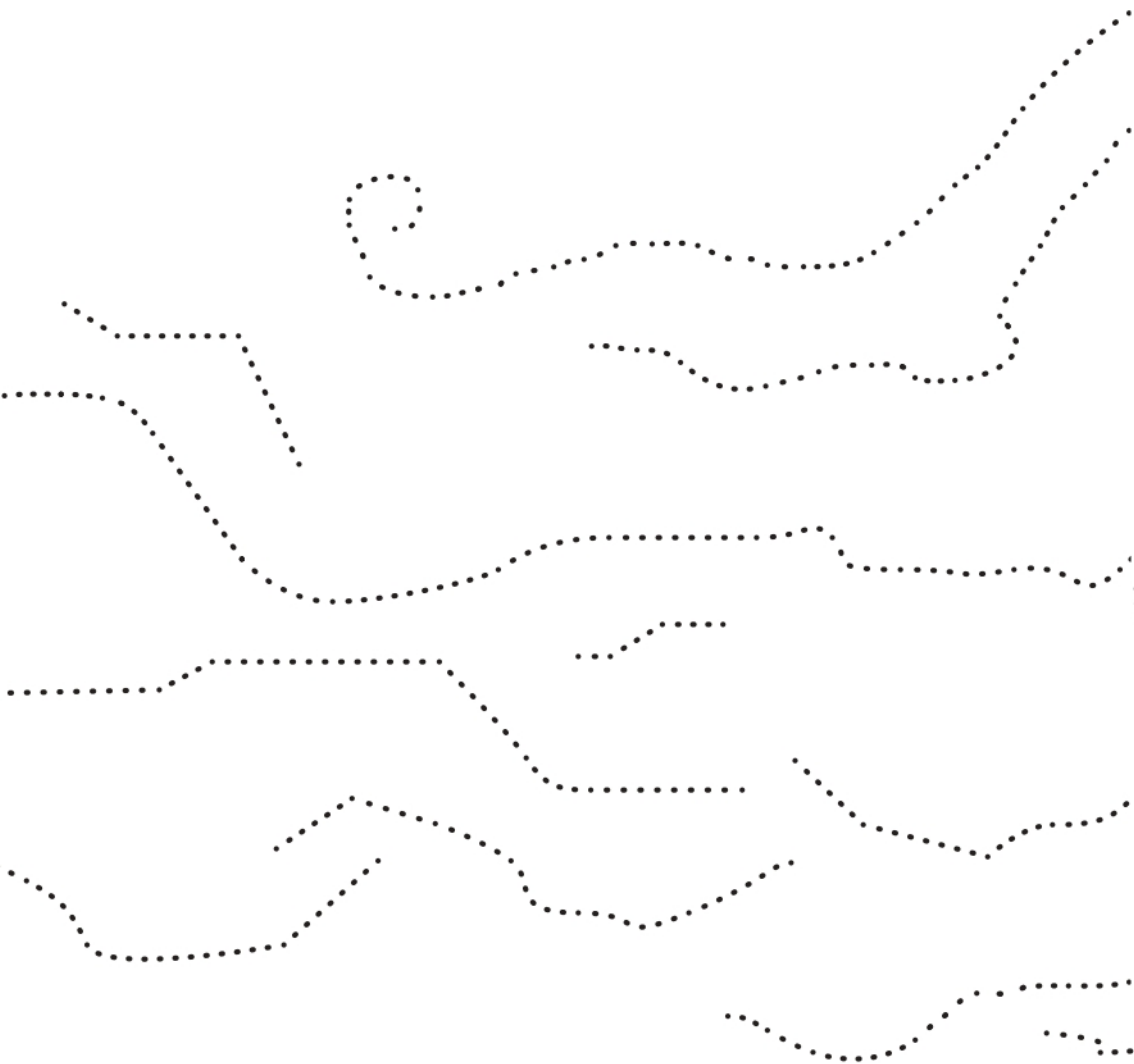
Bruna Kalil Othero

MÚSICA

Circe Clingert







ASAS ABERIAS

Todo livro é especial. De um ponto de vista abrangente, todo livro é especial porque traz em si, ainda que pelos motivos e com os efeitos mais distintos, uma forte concentração de vitalidade, de inquietação, de trabalho e desejo humanos. Mas o presente livro é singularmente especial, pois inaugura uma coleção há tempos sonhada nos espaços de leitura, escrita, pesquisa e ensino – espaços concretos e, ao mesmo tempo, espaços de sonho – da Faculdade de Letras da UFMG: a coleção Voo Livre, publicada pelo Labed – Laboratório de Edição, integralmente dedicada à produção criativa. Essa iniciativa editorial foi gestada a partir da constatação, recorrente em nosso cotidiano de professores e alunos, de que é imprescindível que a linguagem verbal, em seus muitos registros, não seja tomada apenas como objeto de estudo, mas também como uma vivência intensa, uma prática que não dissocia da ação reflexiva seus aspectos sensíveis, existenciais, culturais, políticos, entre tantos outros.

Acreditamos que numa faculdade de letras é essencial que a relação com a palavra – e com aquilo que, a partir dela, a ultrapassa, questiona seus limites, reconfigura suas definições e seus usos – seja aberta a todas as formas de experimentação. Já que nosso labor é gerar conhecimento sobre a linguagem, consideramos fundamental o exercício das inúmeras possibilidades que a linguagem possui de se revelar, em nós mesmos – indivíduos e grupos, em conformidade com as convenções ou problematizando-as –, como processo de conhecimento. Eis o sentido ampliado de “produção criativa” que a coleção Voo Livre pretende cultivar, estimular e divulgar. É sobre essa paisagem de liberdade que a coleção abre suas asas – liberdade no sentido mais exigente e responsável do termo, posto que se trata de buscar, todo o tempo, indagar, identificar e assumir suas prerrogativas e implicações. É essa vasta paisagem, desafiadora e estimulante, que o presente livro gostaria de descortinar.

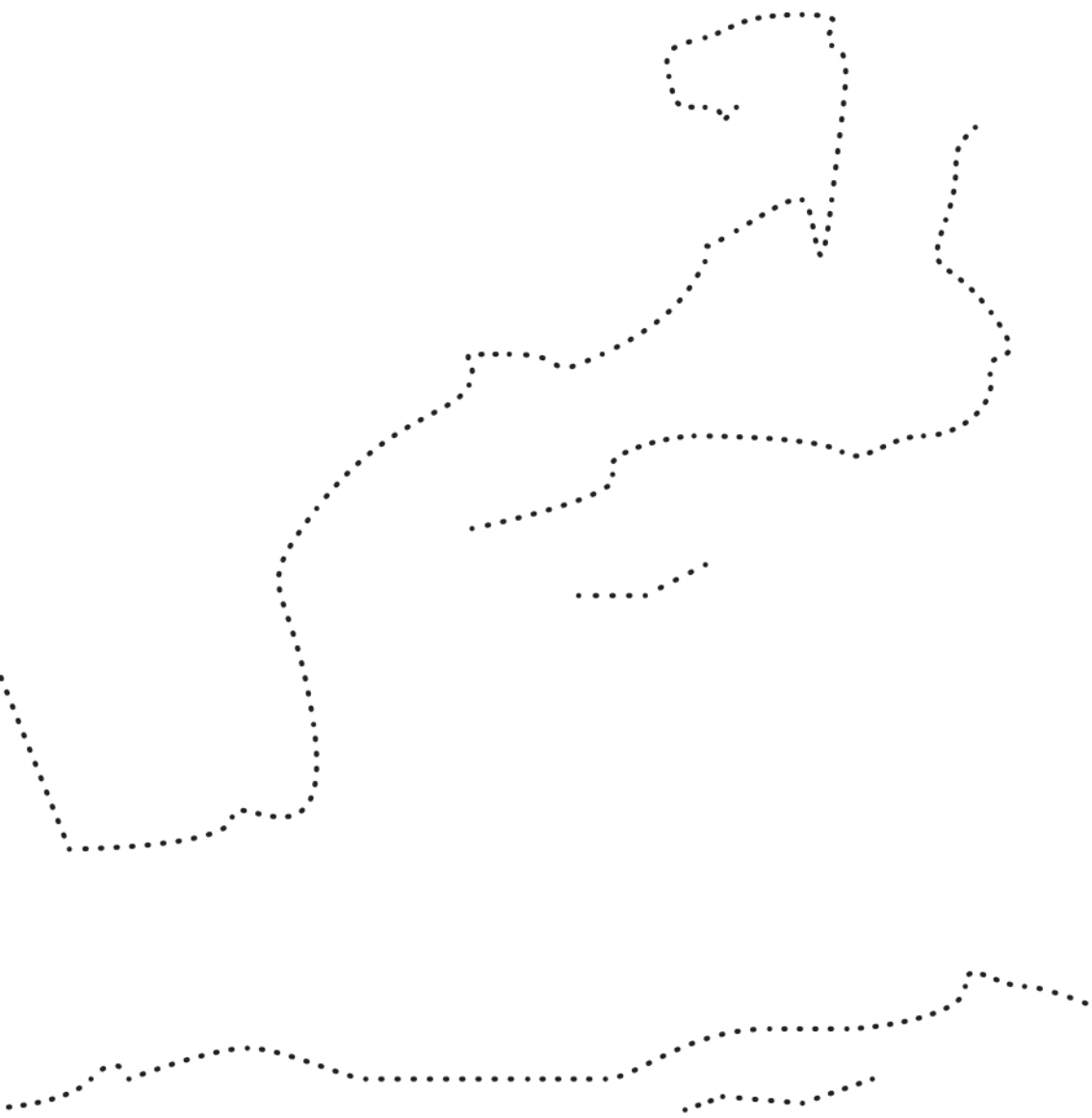
Este livro surgiu como resultado da disciplina “Oficina de edição: curadoria textual”, por mim ministrada em nível de graduação na Fale. O principal material utilizado na disciplina eram textos criativos – denominados “textos livres” – produzidos em outras disciplinas anteriormente oferecidas junto à área de edição, mas que também contaram com a significativa e muito bem-vinda presença de alunos de outras áreas e outras unidades da UFMG. Com vistas à edição de um livro, o objetivo era submeter esse material a uma avaliação crítica rigorosa, a qual incluía uma série de discussões e trabalhos práticos que, por intermédio da noção de “curadoria textual”, buscaram expandir o que se entende por “organização” de uma obra. Cabe destacar que o trabalho se vincula ao projeto de pesquisa que venho desenvolvendo, com o apoio do CNPq e da Fapemig, sobre o conceito de obra, seus espaços e agentes.

No decorrer da referida disciplina, o debate e a aplicação prática da noção e dos parâmetros de curadoria textual envolveram, entre outras atividades, a seleção e a ordenação dos textos, a investigação sobre os valores que costumam definir a qualidade textual e literária, o estabelecimento da concepção geral da obra e de suas possibilidades de estruturação, a escolha justificada dos elementos de coesão e de abertura, a análise de alternativas para atribuir à obra “narratividade” conceitual e imagética, a sistematização das seções e subseções, a criação de títulos, a proposição e a elaboração de paratextos. Em um dos paratextos, o posfácio intitulado “Making of”, concebido coletivamente no final do curso, os próprios alunos elaboraram um valioso, multifacetado – e, em consonância com a natureza da tarefa, criativo e livre – depoimento sobre as várias etapas e os muitos aspectos vivenciados ao longo do processo curatorial.

O envolvimento de todos foi proporcional à alta expectativa que a empreitada gerou. Como sabíamos que o livro seria o primeiro de uma coleção que já imaginávamos importante, de grande impacto, era claro para nós que ele teria que ser, sim, especial, que ele precisaria tentar assumir uma acentuada vocação propulsora – de outros livros, de outras iniciativas semelhantes (ou distintas), e, sobretudo, de todo um debate sobre a relevância da produção criativa no âmbito da Fale. A expectativa foi amplamente recompensada pela notável riqueza do material que encontramos, cuja exploração se mostrou sobremaneira instigante. Em nossa prospeção curatorial, com nitidez percebemos que o ato de editar é, em larga medida, um ato criador, que a objetividade dos procedimentos analíticos e das justificativas críticas não exclui escolhas pautadas em operações sensíveis, nas avaliações dos efeitos emocionais, em parâmetros intuitivos. O ato de editar – como ato de intervenção investigativa, valorativa e propositiva – revelou-se como prática simultaneamente científica, técnica e artística.

Agora que o livro está aqui, em nossas mãos, que a coleção põe em funcionamento o seu primeiro dínamo, convidamos você, leitor, a participar conosco desse movimento que sonhamos livre e vigoroso e estimulante, a conosco concretizar o que esse sonho representa e pode vir a representar em termos de abertura a novos movimentos. Convidamos você, leitor, a lançar sobre alto-mar estas luzes móveis, surpreendentes. A acender conosco este farol.

Luis Alberto Brandão



1. O livro é um corpo. 2. Espaço em que se manifesta materialmente uma ideia, um pensamento, uma intenção ou um gesto. 3. Presença deslocada de uma alteridade traduzida em palavras ou imagens. 4. Dispositivo de encontros.

Iago Passos

I. ONDAS



o tempo todo é um contraponto



OS DOIS CHAVÕES MAIS ESTRANHOS

R e n a t o M e n d e s

Preencher o branco da página
com palavras sobre o branco da página

Fingir não saber estar dizendo
dizendo não ter palavras pra dizer

SAL DE ROCHA

Marina Alves



tal qual inseto que veste o mato que come
vê na geografia mímese e nênese

áridas polpas, os corpos dos morros
falos cravados no nada

calangomórficos, sedento-sedentários,
no topo do farolete veem o sol fazer a curva
em devir-mar

SOMOS SOMAMOS

Vinício Braga Marzano

Somos os prédios que vão em direção do não se ver mais de tantos que somos. Somamos uns nos dois, que somos, somamos uns nos três, que somos, somamos uns nos quatro, que somos, somamos o até com o não se pode mais, que somos. Por cabos, nós estamos ligados aos outros de nós, estamos ligados por meio de cabos aos outros de nós,

que dão nós por ter tantos de nós juntados em nós. Já pelas janelas vemos já nelas outras janelas, janelas, tantas janelas, já nelas. E onde estamos preenchemos, preenchemos, preenchemos, enchemos a fenda em que estamos e de tantos que somos formamos a cidade que vai até o não se ver mais

RASCUNHOS ARTIFICIAIS OS ARTIFÍCIOS

C i r c e C l i n g e r t

Aos escrever através da interações com as máquinas prevalecem os de fantasmas do diferentes texto, formas nos diferentes suportes de fixação da forma física do pensamento. Ao escrever deixo marcas, cicatrizes no Θ texto, diferente de o tecido, a teia que tal qual Penélope, que se escreve e apaga sem deixar deixando, ou não, rastros. Como me sinto, punhos a postos frente à máquina!? Estes Rastros em *A mão, a máquina* (Flora Süssekind) Utilizo a máquina criando ruí-

dos, sujeira na página escancarando o que a norma pede que seja resolvido. ~~se manifestem nos casos descritos de~~ Às vezes as máquinas reagem com “atitudes” inesperadas e os defeitos são reajustados ou apropriados. ~~efêmero — os jornais.~~ Por trás das linhas há sempre uma inquietação, um incômodo que precisa ser organizado. ~~Nos diários os rastros se apagam assim como o passar dos dias e das horas que abrem caminho para tempos subsequentes.~~ Algumas destas apropriações tentam categorizar a desordem, para melhor entendimento do propósito que sempre está inserido em leituras prévias. ~~Alguns desses rastros se deslocam a livros, papéis mais robustos, menos propícios à rápida oxidação da matéria, suportes mais rígidos, mais substanciais, com formas tridimensionais capazes de sustentar as manchas de tinta, os blocos de texto, a forma física do pensamento.~~

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

ROTEIRO ~~Roteiro a duas mãos~~. Escrever e apagar é mais fácil - digo isto pelo *insight* que fugiu à matéria no momento do intervalo, e tinha um café no meio do caminho. ~~inicia sua jornada com *On the road*, e a manifestação e reprodução de uma gestualidade que acompanha o trânsito.~~ Às vezes o ritmo acalma, às vezes o ritmo incomoda e é necessária uma pausa. Um gole de água e respiração...

A máquina de escrever, de reproduzir ritmos, toques, sons perceptíveis apenas no que conhecemos pelo estalar das teclas, mas que na leitura nos traz apenas descrito. Sinto que, rasurados, os textos parecem des-governados, um tecido sem arremate, um bordado com linhas soltas e, por trás das linhas, um motivo. Esta gestualidade é em muitos momentos mesclada aos mecanismos e limitações humanas. A máquina como extensão do corpo, como mediadora de uma organização que se manifesta em caracteres. Os toques que se mesclam aos sentidos auxiliam o autor em um momento de perda de visão. Neste caso o pensamento busca sua forma física em Nietzsche.

Nos dois textos a efemeridade se manifesta.



É exaustivo tentar se concentrar em meio a tantas páginas abertas, ao livro de areia tentando ser capturado substancialmente ao que foge do controle e dos limites do texto. ~~os rastros se mostram, o punho do autor é "substituído" pela máquina, no entanto ainda se necessita do punho do autor.~~

~~As diferentes formas e os diferentes suportes perduram vivendo na maior parte das vezes um paradoxo, ou continuidade por trás de uma suposta ruptura entre as técnicas.~~

O cursor não escreve, sinaliza. ~~Se, "datilografadas, as palavras já nascem anônimas"; publicadas, as palavras carregam o anonimato de quantas mãos o entendimento de autoria não consegue alcançar.~~

Os ruídos invadem nossa leitura tentando se manifestar a todo custo; no entanto, não é a máquina que se manifesta, é o pensamento que se manifesta nas diferentes possibilidades da matéria. Reproduzidas, as palavras carregam um nome, rastros fixados em suportes efêmeros ou um pouco mais substanciais, que incidem na perduração da forma:

De qualquer forma, estão entre a efemeridade dos dias e a persistência dos registros nos artificios da memória:



MEUS PÉS DE SANTA TERESA

Luana Muniz

Eu leio como quem tem corpo, Marcelo
como se o corpo fosse uma tenra violência
febre fartura penhasco
leio assim dissimulada
farfalhando no ônibus, a vizinha de bacante fria
esfrego a têmpera com o dedo, Marcelo
mulambenta leviana pestilenta
gosto de ler assim rebelde teimosa indiscreta

tão descarada, cheia de veneninho
mancomunada com o maligno
os vizinhos dizem “assim fulano de tal não vai te querer”
“mas também, lendo essas safadezas”, ralha a mãe
e então você me contesta, Marcelo
tão insultado, pobrecito, tão ultrajado com
a minha vilania
os meus livrecos loucos, o meu galope obsceno
cruelíssima Luana e
xingas BRUXA BRUXA BRUXA
e eu gargalho num descomunal, Marcelo
porque adoro esses elogios tão pouco frívolos

DESENHAR UMA CANÇÃO COM PALAVRAS

Bruna Kalil Othero

papel branco. borda vermelha. no rodapé, o número da

página: 1. mais um caderno que se inicia, dessa vez, ver-

melho inteiro, cor de sangue, mesmo tom que há alguns

minutos deixei na privada, do segundo dia de menstrua-

ção. que era branca e redonda. a privada. escrevo. sentei-

-me, algum tempo depois, na cadeira, também vermelha,

cor de sangue desbotado, do auditório. grande, largo,

imponente, microfones e pessoas. ouço, calo-me. ele fala.



ele conta sobre ele, outro ele. ambos gigantes. eu imagi-

no, palavra por palavra, as cenas sendo desenhadas. feito

aquarela de toquinho numa folha qualquer. branca, como

a minha, que agora está mais preta. desenhada. não, escri-

ta. eu vejo, na minha frente, dois homens em ouro preto,

caminhando, discutindo sobre letras, a literatura, a escrita

e a poesia inerente a tudo isso. não toco nesses homens

ou eles desaparecem. ouço, calo-me. pinto de novo a

aquarela dos desenhos das palavras e das canções. fecho

os olhos. outro auditório surge: um menor, pequeniníssi-

mo, também vermelho, mais desbotado, quase rosa. nele

apenas os dois homens. uma vitrola. e a voz, vermelha,

vermelha, vermelha. que desenha. escreve. canta.



DO ORIN[•]

AO ORUN^{••}

Thaynara Faleiro Malta

-
- Em tradução literal do yorubá, “tom”. Refere-se às “músicas” tocadas em saudação a cada orixá durante as festividades conhecidas como “toque”, ou xirê.
 - Mundo espiritual, em oposição ao mundo material em que vivemos. Orun: céu. Ayiê: terra.

A terra o mar o ferro
o ar e o vento
as folhas as cascatas
as águas e o tempo
os espelhos as pedras
os caminhos e a flecha.

A santidade do vivo
a justiça do orgânico
o rigor da lei
a força do sangue
a justiça da fé
o sumo secreto
segredo da vida.

Sob o coro do atabaque
o tom sagrado
o som divino
grão da voz
santo lume
a me guiar no abismo.

A arte de perder não é nenhum mistério.

Elizabeth Bishop

LAVRA

Thaynara

Faleiro Malta

Começo por uma palavra: perda. Palavra que me acompanha sem peso e sem impostura. Pois perder é inesgotável. Há toda uma verdade - bruta - que nunca alcançará o verbo, mas que, por algum mistério ou magia, deixará arder sempre a marca de sua lavoura silenciosa sobre a língua. É, sempre achei fascinante que aquilo que parte deixa sempre um pouco; afinal, sabemos que de tudo - tudo -, irreversivelmente, fica sempre um pouco.

Um resto, um resíduo que sempre escapa, que para sempre escorre, já sem nome e sem voz.

Para onde corre o texto, senão para seu fim? Para onde estamos indo, senão para casa? O que estamos todos a fazer, que não seja tentar recuperar algo anterior? Quero dizer, é preciso arriscar perder a identidade, como aprendi certa vez, mesmo que perdê-la, efetivamente, não seja a finalidade dos corpos. Talvez seja preciso admitir o fracasso, pois palavra nenhuma suporta o sentido das coisas.



EU EQUÍVOCO

Ernani Natalício
Ferreira da Silva

nada passado se perde

nada futuro se ganha

nada presente

silente se faz

II. MAQUINUMANA



tua outra face



TRAJETO

ATÉ O CORTE

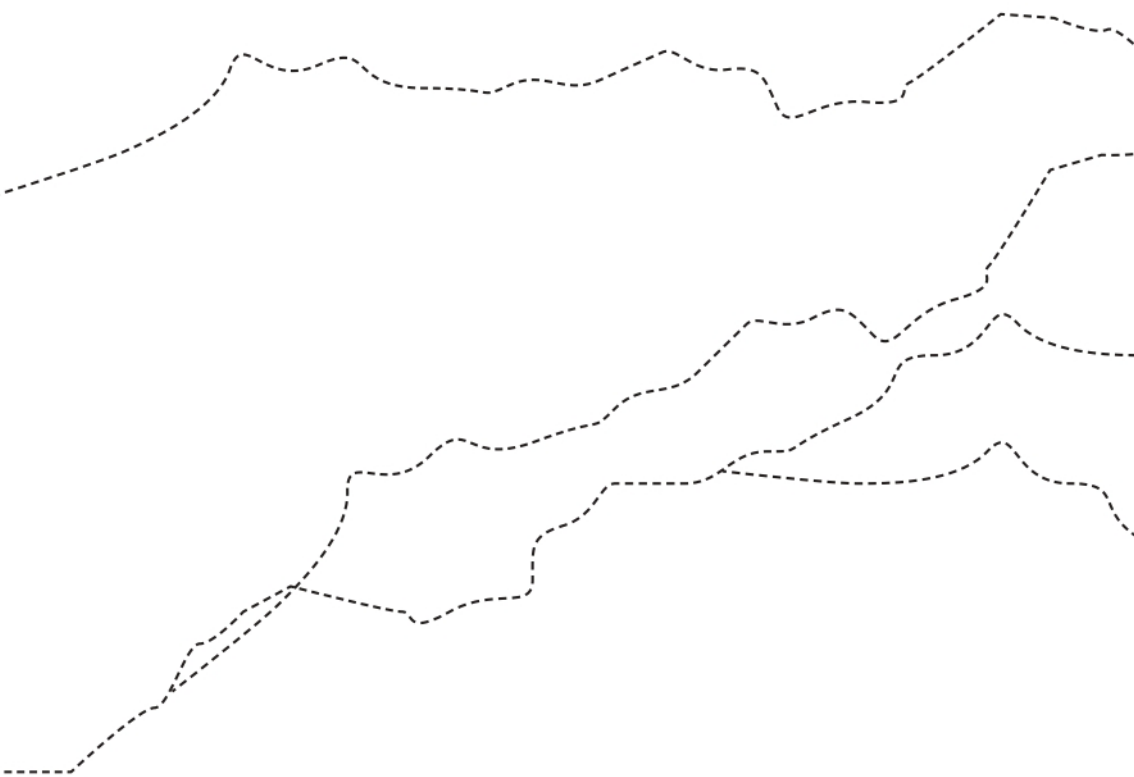
J o a n a a n d r a d e

Todo o trajeto parecia ser o mesmo, até mudar de rumo.

Desperta, come, escova os dentes, vai ao trabalho, sai para o lanche, retorna à mesa de escritório, volta para a casa, assiste tv, tenta ler um livro, janta, pensa no dia, escova os dentes, adormece. É final de semana: acessa o computador, perambula pela casa, cochila no sofá, faz uma planilha, bebe uma cerveja, liga para o colega, escuta música, aguarda o domingo.

Mais um ano se passou. Como estava cansado! “Quando jovem não era assim”, pensa. Já não escreve seus poemas, não namora, não desfruta de sua própria companhia. Já não sonha, não escuta seu cd preferido, não fuma escondido. Mal sabe o que se passa lá fora, já quase não ri das antigas piadas, não revolucionou o mundo.

O tempo todo é um contraponto entre uma coisa ou outra, entre o som e o silêncio, entre o sim e o não. O rumo muda quando se anda até o fim do caminho, onde o trajeto se divide em dois, mas só se é um. É hora de continuar.



PC AMBÍGUO

Ernani Natalício
Ferreira da Silva

Meu computador está cismado.

Acho que adquiriu timo, anda me perguntando:

você é humano? Não dou papo nem

resposta imunitária. Desconverso.



CARDIOPATIA

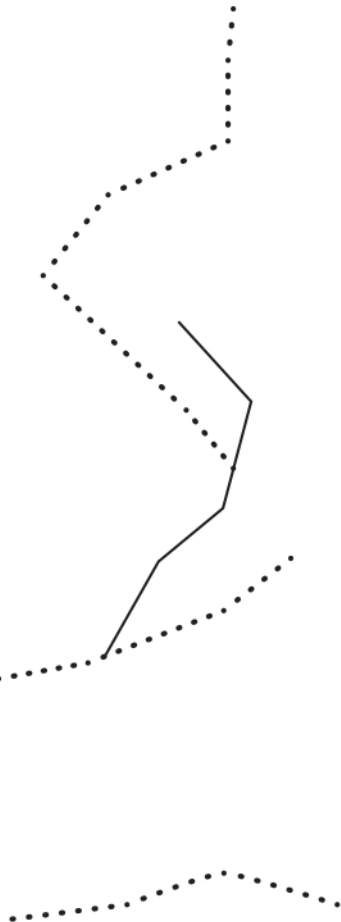
L u a n a M u n i z

assassinato terrivelmente lento
com uma arma extremamente
ineficaz
os olhos dela piscam
contra a luz
polaroid
aqui dentro
sístole
pausa
diástole
e o meu corpo de repente
abarroado
de sol.

mÚSICA

Circe

Clingert



Escena 1

La música en tiempos de reloj

Roja con olor a hierro

Produce algo como...

Flash

A música em tempos de pó

Escombros cheiram a ferrugem

Produzem algo...

Rangem

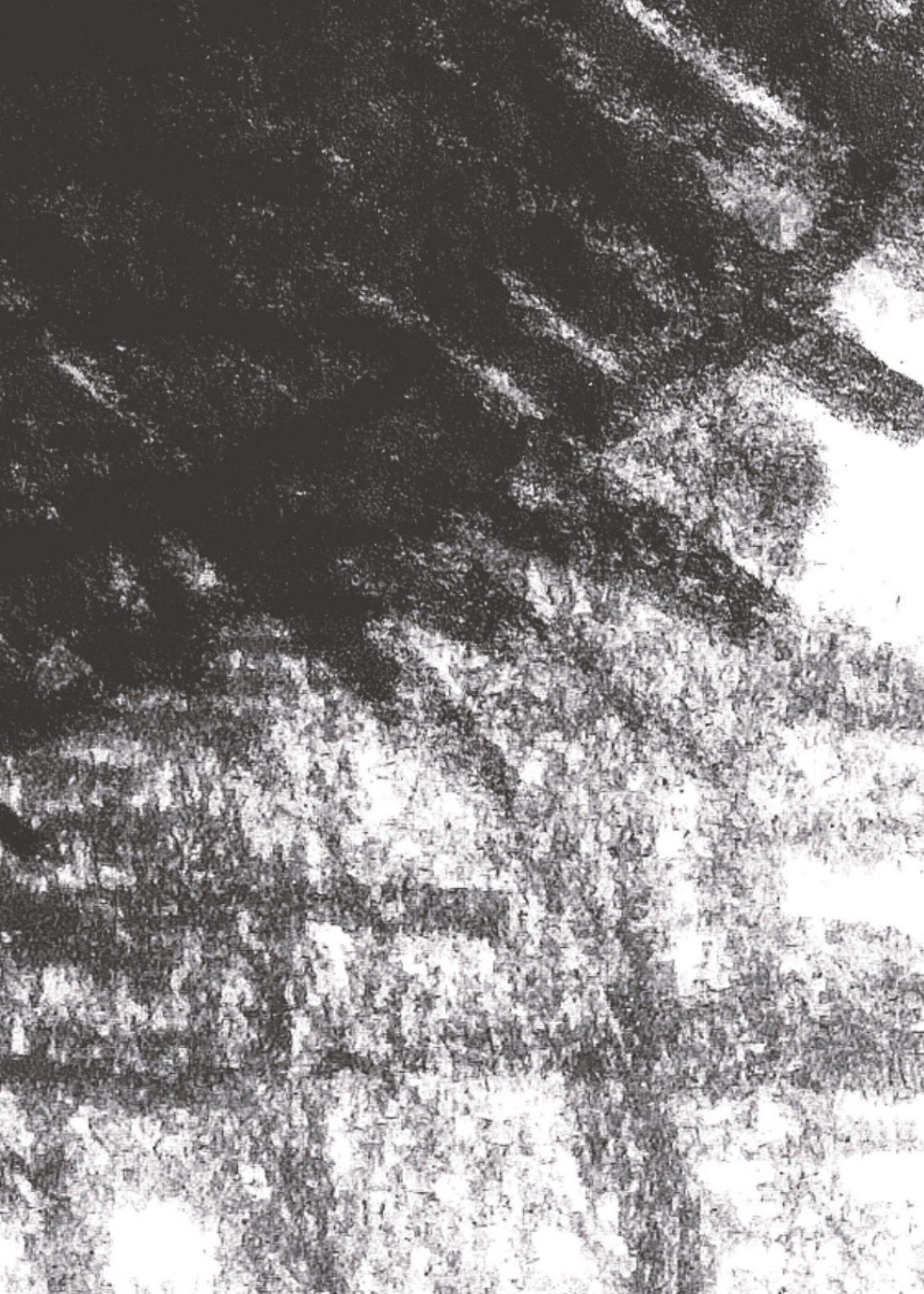
Cena 2

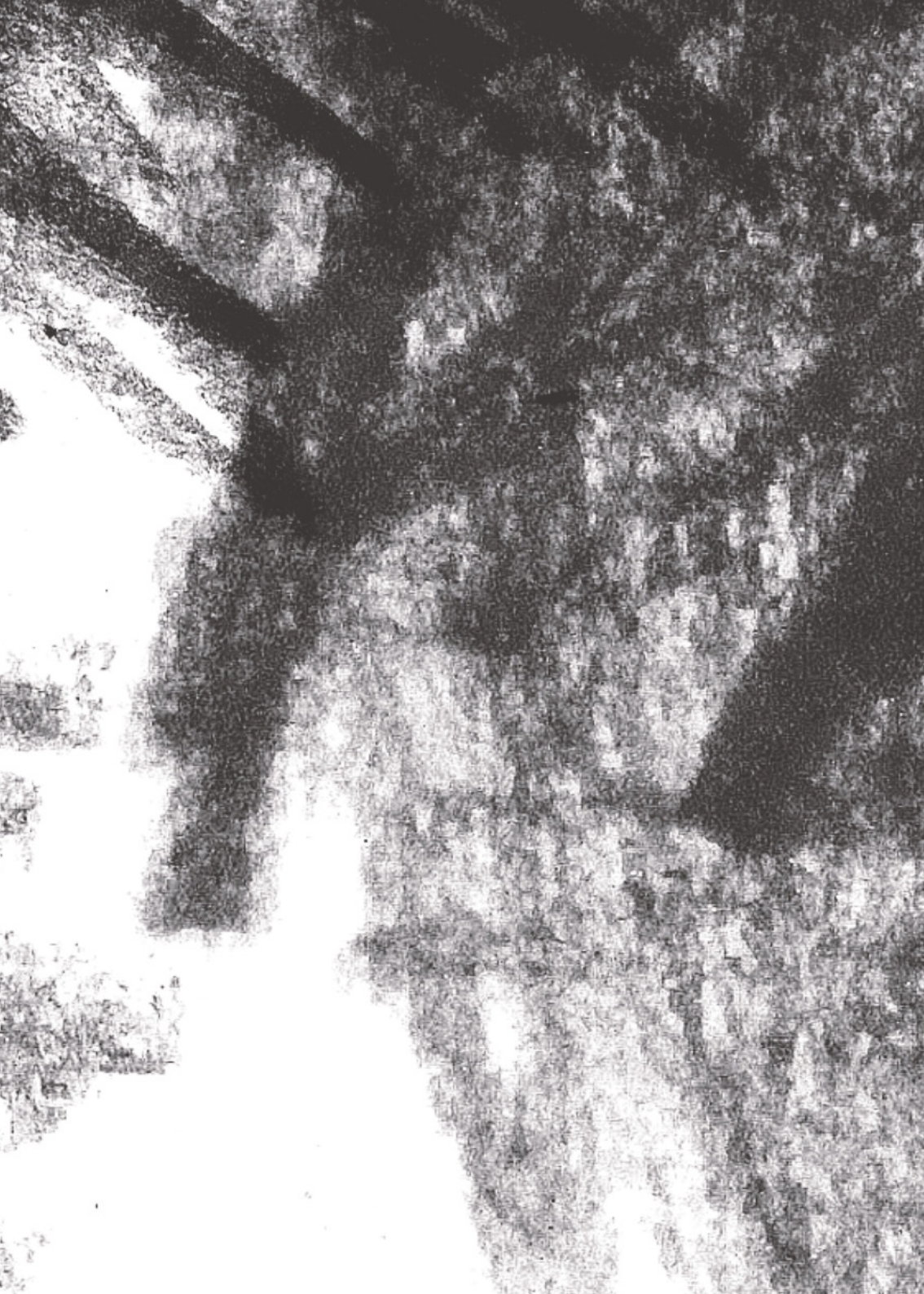
Silêncio

Bis

Cena 3

(Pessoas aplaudem, ficam de pé, partem rumo à porta, cochicham, as cadeiras fazem um ruído silencioso, a última pessoa sai da sala, volta para ver se não esqueceu nada, a porta aberta, silêncio distante, tudo à meia luz.)







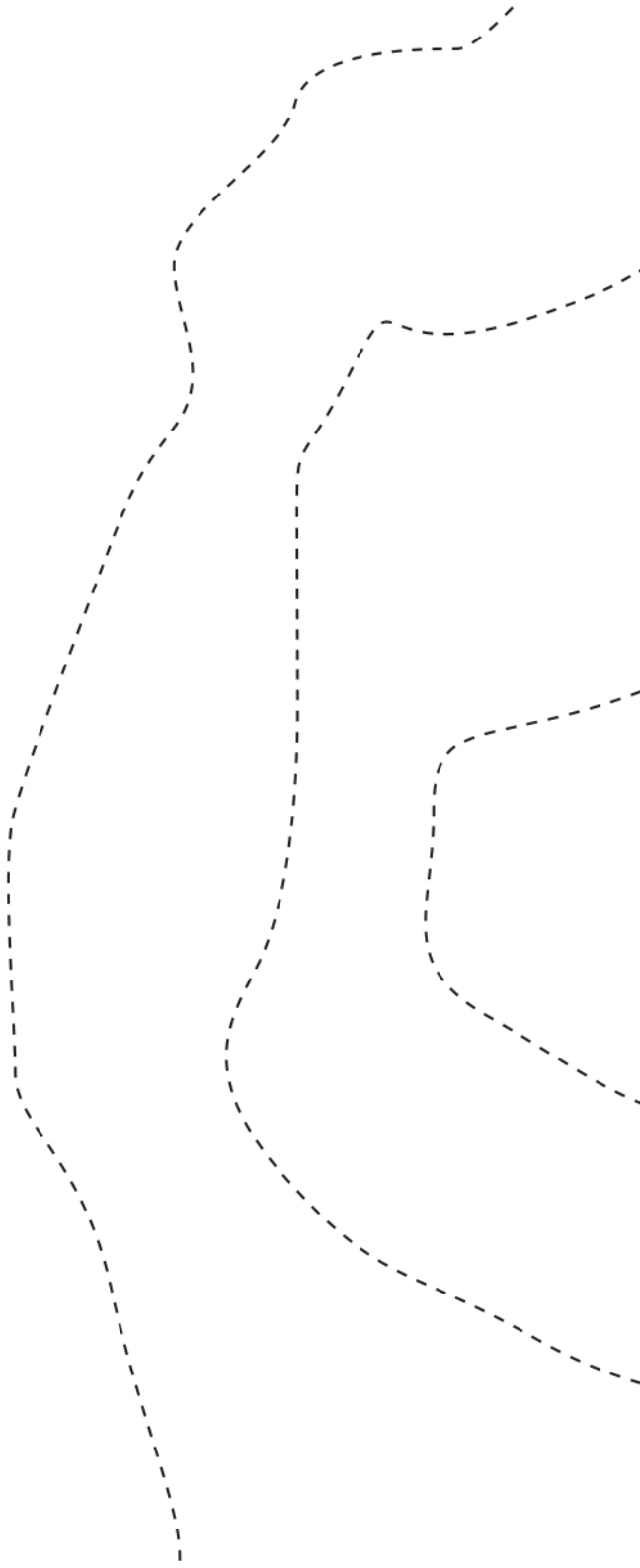
VOLTA

R e n a t o
M e n d e s

A vitrola antiga de meu pai, para ti antes palavras que mundo real. Em minha sala talvez inventada, ponho, com cuidado curioso, meus dedos de letra na agulha gasta e levo-a ao encontro do disco preto que agora imaginas. Barulho seco ao toque e então um chiado, quase um segredo. Sobre o vinil girando, ignorante das voltas e do som que preenche tudo que o capta, o reflexo da luz amarelada do teto dança reto, como uma chama de vela num vento leve, duplamente imaginados.

Era assim que ele percebia as notas? Distorço o tempo e tenho-o de frente para o mesmo equipamento, realizado nos sentimentos com que o orquestro, sem filho, não-pai, mas sem “não”, nem hífen, nem “pai”. Ressoa nesse corpo uma música. Mas ele tem um tom desbotado, tingido de fotografias guardadas nos álbuns de quando esse rosto tinha a cor dos rostos normais, barba malfeita, bigode à Belchior... Onde fica o real? Dou-lhe um rosto mal traçado, lido por ti com outras rugas, expressões de outras memórias... Juntos, tu e eu extraímos um pai cujo rosto mais parece um “O” com um circunflexo no meio, dois-pontos para os olhos, hífen de pé para o nariz, hífen deitado para a boca. Não tem parêntese, não sorri, não é meu pai.

O que é o eco de que consegui a extração?



ANSIEDADE

Lilian Martins Ramos



- ⊙ Um lobo engolindo sem nem mastigar direito sua refeição vermelha
- ⊙ Pernas bambas, trêmulas
- ⊙ Taquicardia
- ⊙ Tentativa malsucedida de fuga
- ⊙ Vontade de vomitar
- ⊙ Batalha eterna e interna



Olhe bem para ele, querida.

“Como são grandes seus dentes!”,
você quer dizer, mas não se atreve,
porque você não se esquece
de que a próxima é você.

Pernas tremem, por que não?
É para isso que elas servem.
O peito, o coração quer esmurrar,
mas logo ele decide não ousar,
fazer-se audível justo aqui.

E não adianta correr, amor.
Viu como ele pode alcançar?
Seus passos são lentos, nem tente.
Será pior deixá-lo descontente.
Se quiser, comece a rezar.

Não o irrite com choro, meu bem.
Você viu como funcionam os dentes,
você não quer senti-los mastigar.
A pele fina não custa destroçar.
Por isso comporte-se, mocinha.

Ele quer ser seu amigo.
Veja como ele sorri.
Mesmo assustada, sorria de volta,
nunca se sabe, vai que ele gosta
e deixa-a viver por mais umas horas.

OS CINCO GATOS MAIS FAMINTOS

S t h e f a n i e M a g a l h ã e s
C a s t r o P a i v a

Quando pronuncio a frase "sai de cima daí"
todos entendem já na primeira palavra e se perdem pela
[casa

Quando pronuncio a palavra "ração"
reaparecem

Quando pronuncio a palavra "acabou"
crio tamanha decepção que não cabe em nenhum miado





APÊNDICE

Beatriz Fontenelle

Toda vida quis se livrar daquele apêndice de carne, sua prisão - ela pensa em silêncio, fitando o órgão decepado que ainda pulsa a violência do ato. Ouve as palavras do carrasco: "Num era isso que tu queria, viado?".

No meio das lágrimas que ocorrem sabe-se lá de qual fonte, depois do corpo drenado de dor escorrida pelos olhos e pelas feridas, ainda pode sentir, como um soco no estômago, a ironia cruel daquele momento.

Um berro a tira do devaneio e traz de volta ao horror do que se passa ali, agora: "O que que tu é agora, ein, seu viado? É homi ou é mulhé?"

Com o último fôlego e a voz rouca de súplica, ela engole a humilhação: "Gente. Eu sou gente."

O corpo jaz, estendido no chão, braços abertos como um cristo. Na vida, marginal; na morte, mártir.

DEPRESSÃO PÓS-PARTO

B r u n a K a l i l O t h e r o

merda

é menina

III. ECOS



ligados aos outros de nós



ESPÓLIO

Thaynara
Faleiro Malta

De tudo fica um pouco
maço vazio de cigarros, cinzeiro abarrotado
gemido de víscera inconformada
olhos de cigana da gata
leite em pires de porcelana
livro de poesia incompleta
cílios postiços meias desfiadas
mechas de cabelo imaginárias
E do que ainda não se foi, há de ficar mais ainda
resto rasto ruína da Rosa
de Drummond captada na retina
que já não fita mais
flor rio ou matéria fina

mas que como os primitivos
ata amarra arrebatada
a aderência das salobras resinas
às pupilas de ressaca,
assim te levo comigo -
minha relíquia -
sob as folhas da embaúba
odes marítimas
estas lágrimas absurdas
ondas mínimas
sob as nuvens e os ventos
sob teus pés prematuros
sempre um pouco de tudo

MORIANA

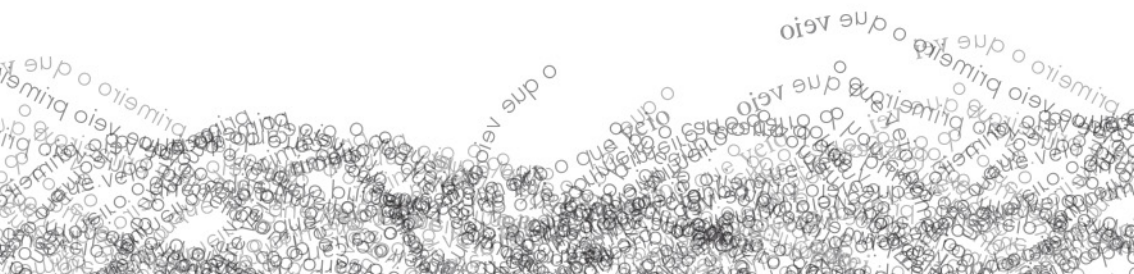
Lilian

Martins Ramos

A partir de agora, conheço teus muros aterrorizantes, teus arcos de arenas romanas e tuas abóbadas. Admira-me tua cidade tão suntuosa crescer em um quase deserto, onde as areias te contornam e te convidam ao pó. Por um lado, querer parecer austera, digna de teus luxuosos palácios. Roubaste a fisionomia das ruínas imperiais degradadas que te antecederam, mas não aprendeste a dura lição que por eternidades elas repetem: não existem alicerces tão firmes que o tempo não possa destruir.

A tua outra face orgulha-se de teu progresso. Não percebes o quanto incendeias os pulmões dos homens que te mantêm. Sem eles, tu não restarás de pé, elegante e maravilhosa como agora. Por mais que tentes destacar-te entre as montanhas que te cercam, da mesma erosão serás vítima. A elaboração minuciosa das tuas ossudo-colmeias e da tua indústria pulsante é apenas uma armadilha para teus escravos, que estão aprisionados na tua gaiola dourada. Tu que és fruto de um parto suado de tantas vidas perdidas um dia te tornarás parte das dunas que te envolvem.





DIÁLOGO COM CLARICE

B r u n a K a l i l O t h e r o

o que veio primeiro
o carro do homem
os cacos de vidro na rua

o que veio primeiro
o filho dele chamado william shakespeare
a filha dele chamada scarlet alexandra

o que veio primeiro
o boletim de ocorrência
a minha cara de choro no espelho sujo da delegacia

o que veio primeiro

o meu desespero no banco do carona

o meu desespero no banco do motorista

o que veio primeiro

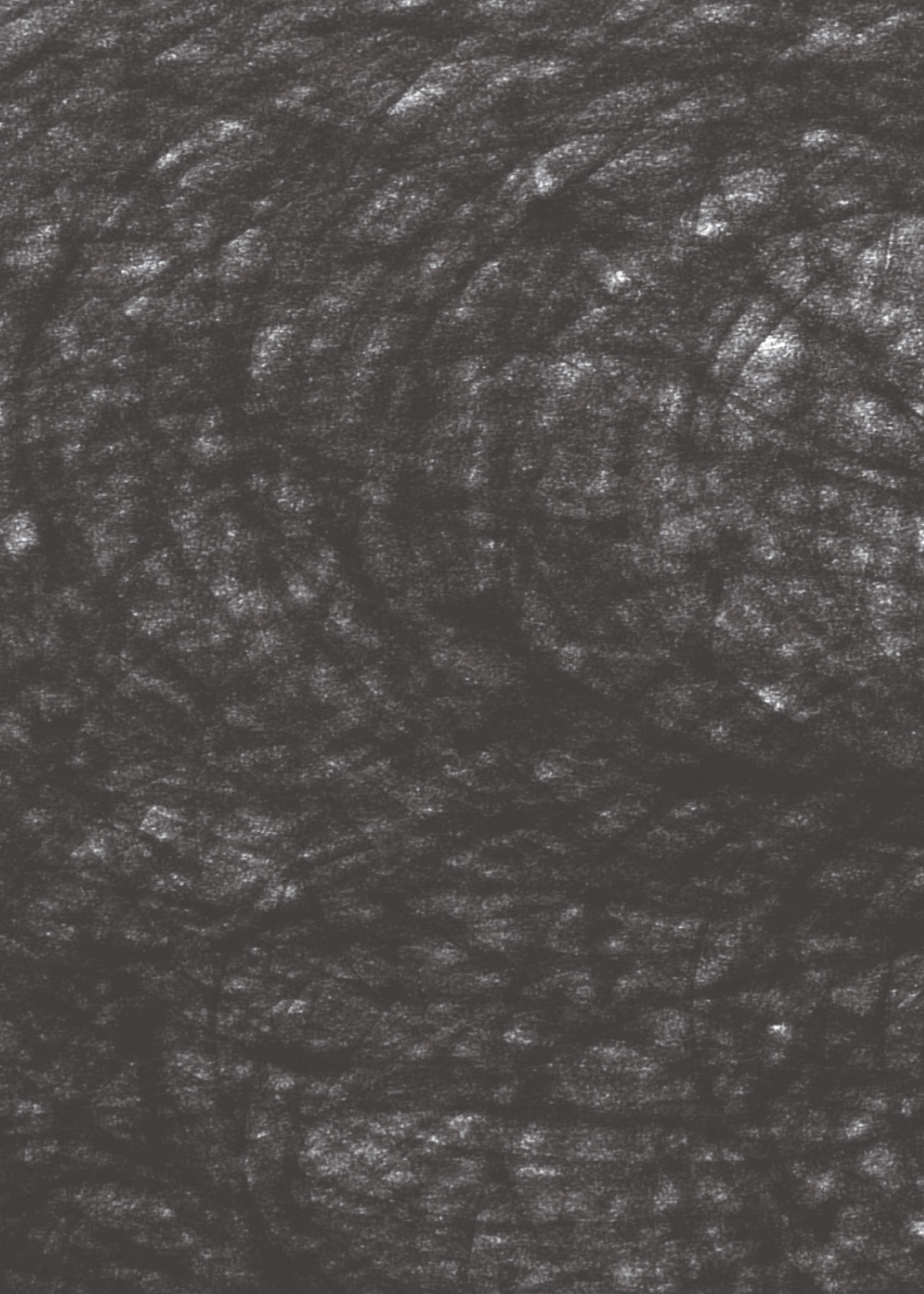
a batida

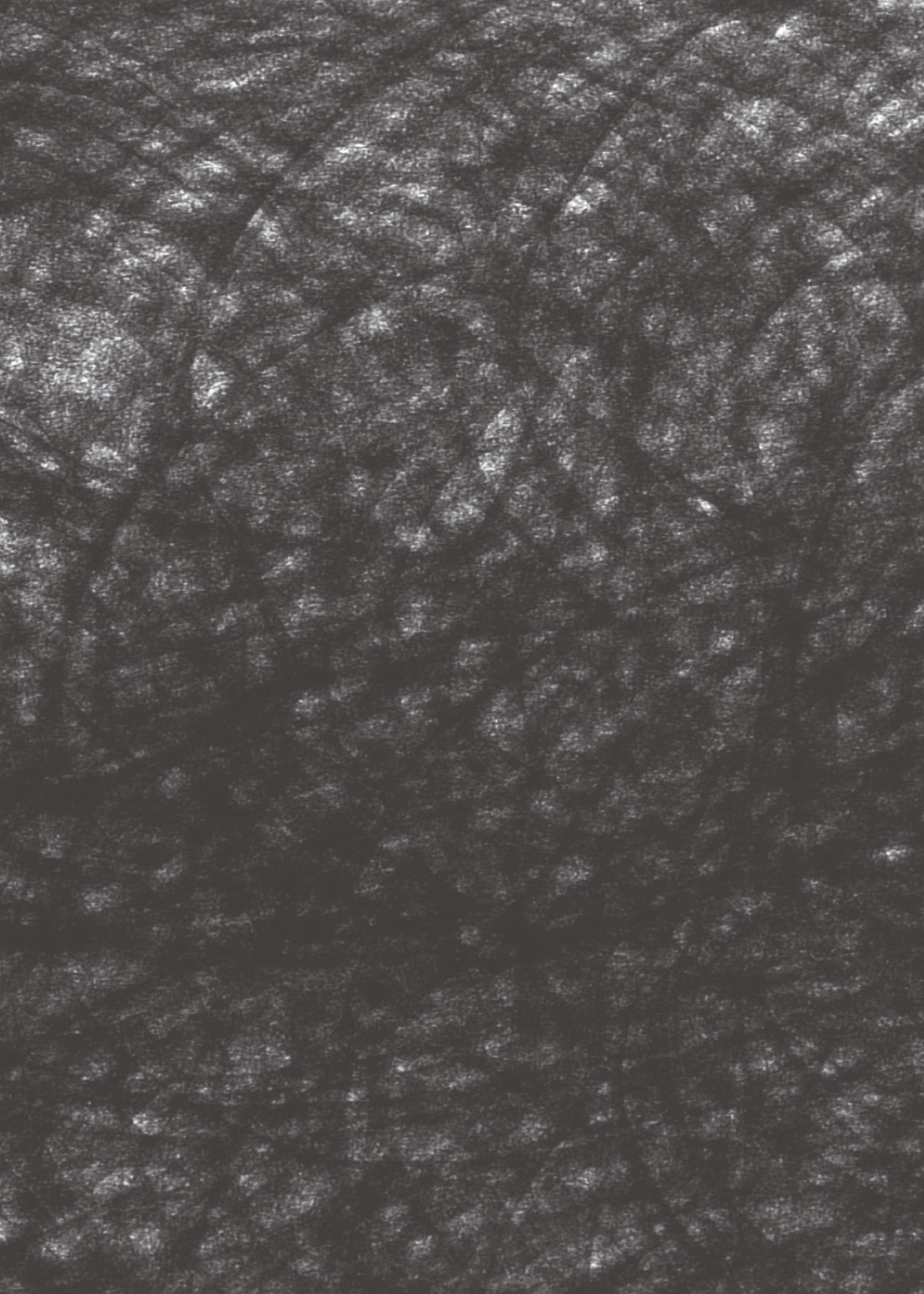
o povo

explodiu

a galinha

o ovo





AO LONGE

Sofia Maria
Pires de Melo

10.

p

Um cão late ao longe. Suspiro. Bem-te-vi e Sabiá conversam. O martelo vai contra a parede dura, o prego a perfurou? Meu coração rítmico. O bater das teclas ao digitar. A sirene se aproxima cada vez mais, a ambulância passou pela esquina. Há uma música em meu pensamento, ela é composta puramente por um piano. Mesmo não me lembrando o nome dela, escuto-a por dentro.



ESOTÉRICO

Ernani Natalício
Ferreira da Silva

sento-me contemplo feliz

o silencioso Nilo

e sussurro teu suave nome

s u s a n a

junto à eterna margem

que um dia

sâmara semente

serei



U: UNIVERSO
PARADOXAL

Mirian Oliveira

O urro de um lobo à luz da lua projeta na escuridão do universo e dá uma amostra de tudo que há nele. A união dos astros, concernentes à multidão dos homens, mas, também, à unidade de cada um que habitou e habita a Terra. Quem poderá aniquilá-la? O paradoxo da inicial, a quinta dos "quintos", o urânio pode destruí-la assim como de sua origem foi construído o universo. Também pode dar impulsão, sendo o arco para uma flecha, pode servir de baú de um tesouro, mas este sem cadeado. Pode ser ferradura de cavalo que também impulsiona a cavalaria. Pode ser alça, pode transformar-se em corda, que, por sua vez, pode ser caminho a ser seguido; que, uma vez escolhido, não tem volta.

SINTO

MUITO


Beatriz
Fontenelle


Rascunho o texto no ônibus lotado - correndo, como sempre, conciliando sabe-se lá quantas tarefas num único dia, sempre esperando mais. Podia ter feito mais. O rapaz em pé ao meu lado esbarra no lápis, que risca metade da página e me lembra que eu podia ter feito melhor. Podia ter escrito antes, podia ter feito ontem.


Agora rabisco com pressa, com a letra quase ininteligível de quem escreve na velocidade com que digita. "E ainda vou ter que digitar, que perda de tempo fazê-lo à mão." Não há tempo - nem para perder, nem para pensar. Sinto muito. Me sinto máquina.

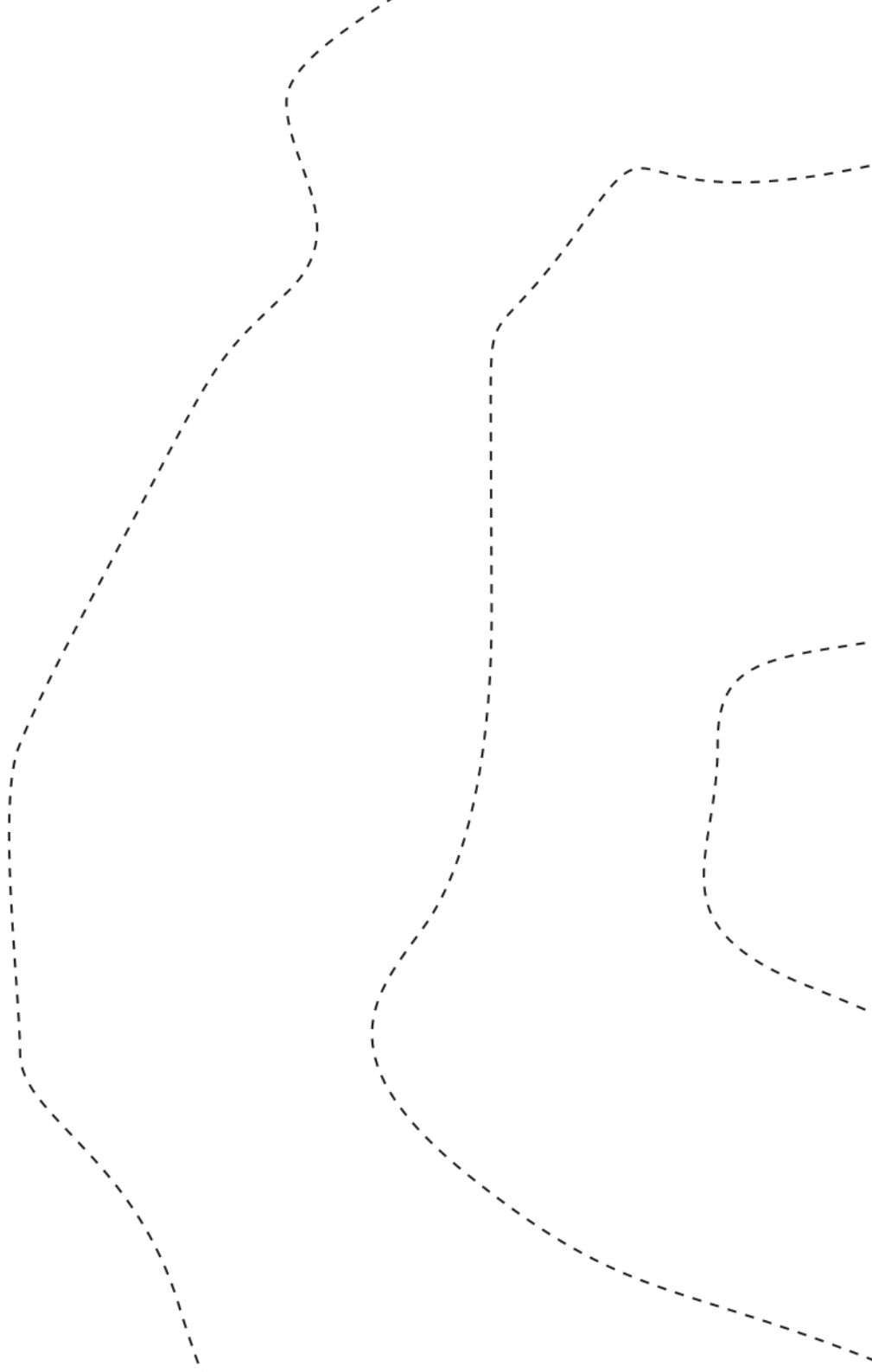
AS TRÊS PALAVRAS MAIS ESTRANHAS

André Victor

Quando pronuncio a palavra turo,
a primeira sílaba já se perde no passado.

Quando pronuncio a palavra Silêncio,
.

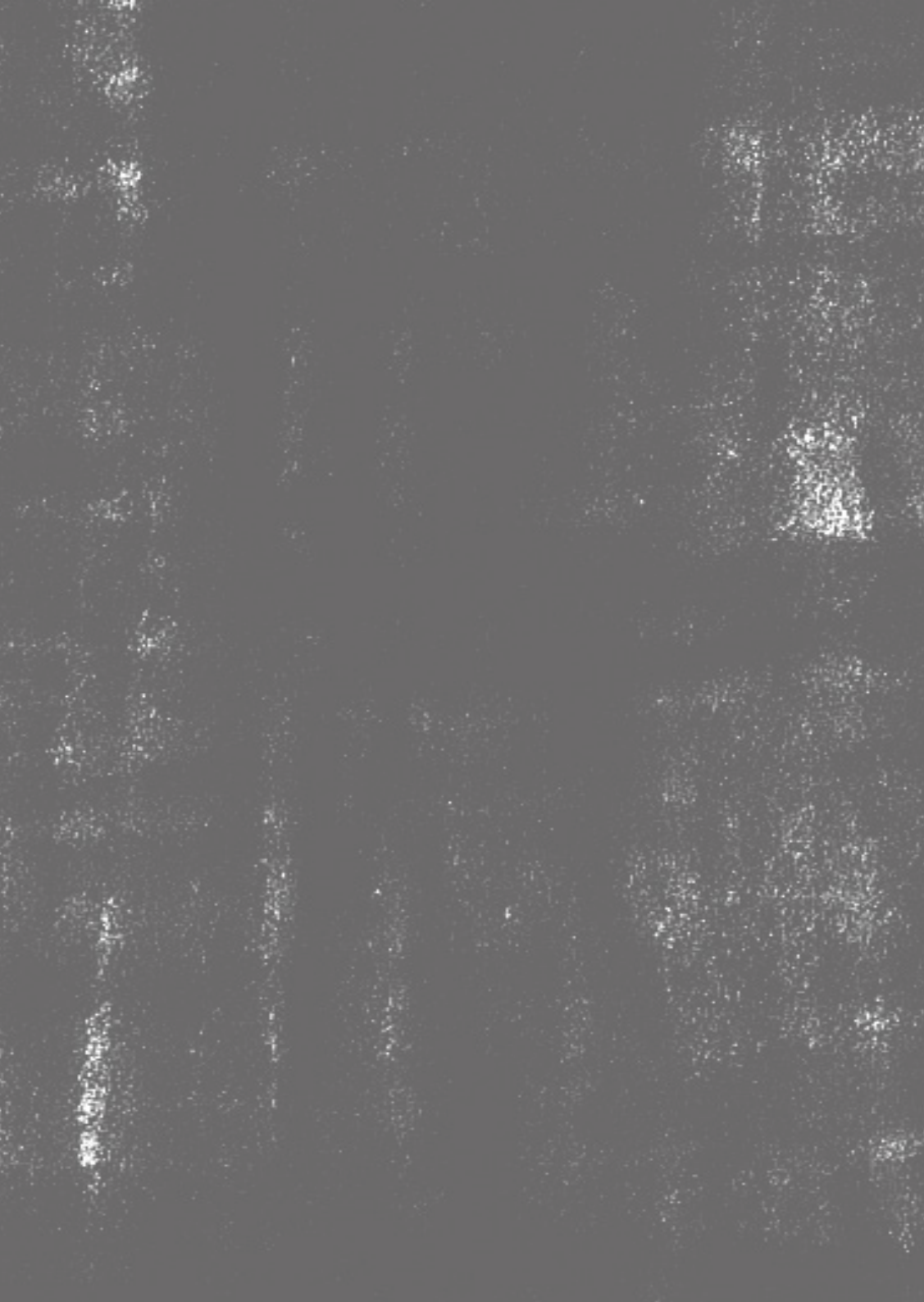
Quando pronuncio a palavra Nada,
.



IV. ALTO-MAR



e a poesia inerente a tudo isso



CATADOR DE CONCHA

M a r i n a A l v e s

C - F - Dm - F - C

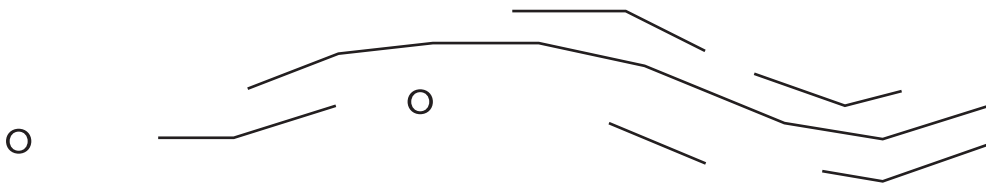
é onda

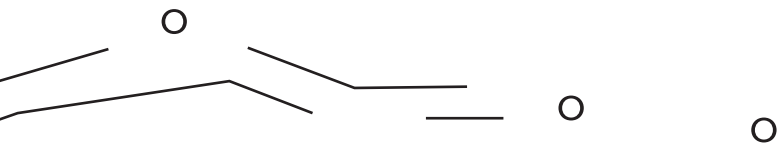
é onda

é onda que quebra
no caco da máscara
casca calcária

é concha é
é concha
é concha que cato
na beira da areia
na margem do mar

sou catador de concha
busco um brilho fosco
pra me alimentar
o tempo foi quem trouxe as conchas
e meu olho torto
quem me trouxe ao mar





me perco no banco da areia me perco
me perco em canto de sereia me perco
me perco nos vultos dos botos me perco
me perco nas buscas dos outros me perco
me perco na fenda dos búzios me perco
me perco num jogo sem uso me perco
me perco em todas as palavras me perco
pisando na terra molhada me perco
no fundo do mar



PRÉ-ESCOLHA

Circe Clingert

Escolher uma palavra é escolher um signo

É escolher um conjunto de palavras

Um conjunto de palavras que se acompanham

[mutuamente

Um conjunto de escolhas feitas pelas palavras ou

[signos que se escolhem

Ou por quem as escolhe

Se colhem as frutas, ou as frutas são colhidas?

E colhidas por quem as escolhe?

BABILÔNICA

HORA

L u a n a M u n i z

Estou desenhando um bosque sagrado.

Há um córrego rumorejando entre as margens.

Desenho uma linha horizontal que se estende até um ponto fixo e espantosamente grave. Giro o lápis para a esquerda e em seguida para a direita, casca-



teando o espaço. Não uso nenhuma cor, pois o córrego é translúcido, de um translúcido vazio interior. Paro o lápis sobre a folha e espalho sombras sarpintadas com o grafite. A cor do grafite é de um cinza embaçado. De repente sinto uma náusea e uma resistência massiva me dá ganas de rasgar todo o papel. Risco linhas toscas por todo córrego, aglutinando figuras desconexas. Agora quero desenhar arvoredos infinitos, também espantosamente graves e até sinistros. Apanho o lápis verde e, ao lado do ondular das águas, enfio vida no desenho, empapando as folhagens. Meu traço é poderoso, pois crio espessos troncos quase negros enroscados uns nos outros, com o lápis marrom, parafuso uns nos outros, tecendo um denso dossel elevado. Minha mão dói, pois faço força, agora deformando as raízes.

Quero desenhar deuses, mas não imagino qual face há de ter um deus, se o nariz é adunco e aquilino, o queixo pontudo, os olhos seriam acinzentados com pequenos pontos dourados, talvez. Não, não ousou profanar o limite deste invisível. Parafraseando Santo Agostinho - um santo homem e eu uma diabólica mulher-, eu, esta coisa que sou eu, formada de uma matéria doce, desejo saber e não suspeitar. Escrevo essa frase ao lado do aguaceiro. Não quero mais desenhar, pois me sinto em estado de tempestade. Estou nos traços do bosque e sou um corpo. Minha caligrafia é antiga e tensa. Minha mão doida vacila. Medita no bosque sagrado e seu descontrole. Perco a linha lógica do desenho e me ponho a rabiscar na página tipos diversos de flores. Primeiro esboço uma peônia e seu esquema labiríntico de pétalas róseas. Sou desenhista e estou deliberada da ca-

beça aos pés. Não há mais precisão em meu traço, apenas vontade lânguida de emprestar vida mística a este papel. Coloco pequenos filetes pontiagudos para que pareçam grãos de pólen. Uma revelação me toma. Penso em desenhar os cinco olhos de uma abelha. São volumosos os olhos. Mas desisto da operação, pois não sou desenhista. Sou escritora e tenho medo dos artrópodes. Então, no canto direito da página, invento uma outra plasticidade, o lápis criando espessura inimaginável. Abaixo da intrincada árvore-coração, me pego criando a esmo as galerias de uma bromélia. Paro de súbito. Estou seca.

Eu não sou desenhista, sou escritora.



André
Victor

ler s l r s e a l s r as
m n r s m n r s e o e m n r s m n r s
c s s c s s o i a c s s c s s

e a l r s e r a e a l r s
e o e m n r s e o e e o e m n r s
o i a c s s o i a o i a c s s

l r s e a l r s l r s l r s
n r s e noe m r s m r s n r
c s s o i a c s s c s c s s

e as l r s l r s l r s l r s
e o e m n r s m n r s men r s m n r s
o i a c s s c s s c s s c s s

l r s l r s e a l r s l r s
m r s m n r s e ore m n r s m n r s
c s s c s s o i a c s s c s s

e r a l r s l r s e as l r s
e o e m n r s n r s e o e m n r s
o i a c s s c s s coi a c s s

l r s e as l r s l r s l r s
m n r s e o e m n r s m r s m n r s
co s s o i as c s c s s c s s

l r s l r l r s e a l r s
m n r s m r s m n r s e o e m r s
c s s c s s c s s o i a c s s

e a l s e s l r s l r s
e e m n r s o e n r s m r
o i a c s i as s s i r

A PONTE

Deborah Gomes

Há um caminho que me leva de volta ao outro lado. Duas ruas paralelas em direções opostas unidas por uma ponte. Um retorno para um lugar que já conheço e sinto saudades. A ponte é uma opção de volta para o que é familiar, mas visto por outro lado. Outro ângulo. Não tem como voltar para o mesmo lugar do mesmo jeito que era. O sinal me fez parar. Meus dedos ameaçam acionar a seta e indicar que irei virar à esquerda. Entrar na ponte e voltar.

The bottom of the page features three abstract, overlapping black lines that create a sense of movement and depth, resembling a stylized horizon or a series of waves.

O som do silêncio.

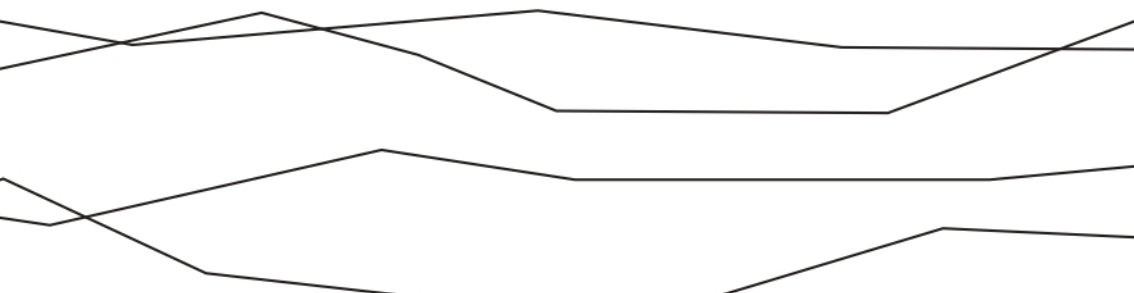
O som que não existe.

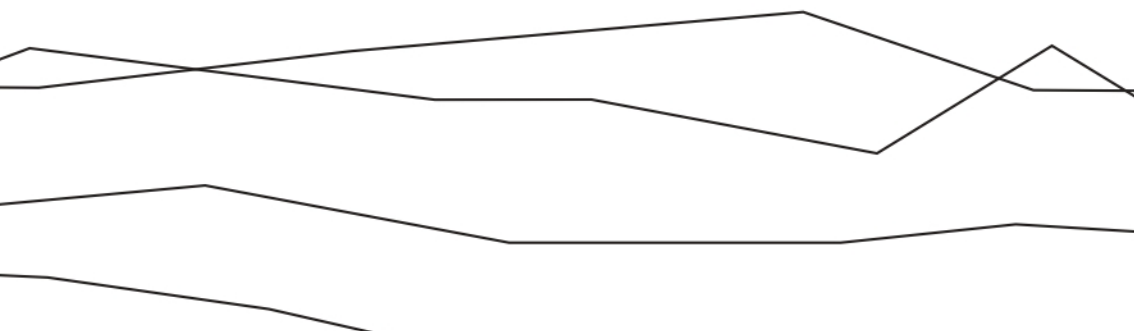
O som que gera vida.

Que está em todo lugar.

Um sobre o outro.

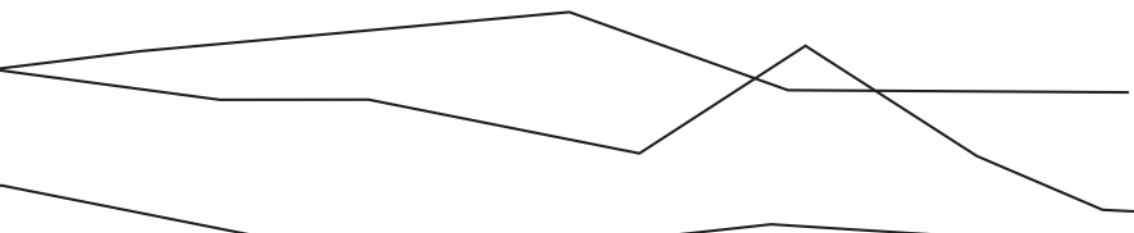
Construindo. Subindo. Seguindo. Ponte atrás de ponte. Retornos que não voltam. Sinto falta do passado. Tenho medo do futuro. Queria estacionar no meio da ponte, descer do carro e pular no rio que passa. Onde eu não precise escolher uma direção. Onde eu não precise trocar as marchas. Ninguém estará ao meu lado gritando para que eu acelere. Seguirei na velocidade do rio. Há um caminho que me leva embora.





SIGNÂNCIA QUASE CÉU

Ernani Natalício
Ferreira da Silva



via chuang-tsé

na

gaiola do lá

entrar

sem que os

pássaros-nomes

arrulhem •

É como um outro que leio. Por isso o que relato são fragmentos que certamente se dissipariam no inaudito, imagens residuais que me habitam advindas de uma casa vizinha a esta de onde escrevo. Como escrever é diferente de ler e também traz em si a intrigante condição de ser e estar.

É como Haroldo que leio Campos. Pessoa entre pessoas, digna de consideração por sua natureza preambular. Para que algo aconteça neste lugar linha após linha, perambular que vai se apagando, vou fazendo observações a lápis nas margens do texto. De certo modo prefaciando o que se põe em obra, breve compreensão do escrito pelo autor por outrem. Neste prefacial universo com todos os seus fenômenos sou um cosmonauta do significante. Surpreendo-me com sua concreção. O que se traz à palavra é quase impossível de falar. O que se nomeia também refaz o passo a passo da própria nomeação.

- CAMPOS, Haroldo de. *Xadrez de estrelas - percurso textual 1949-1974*. São Paulo: Perspectiva, 1976. (Obs.: Compreendo por "signância" o que Haroldo de Campos definiu como "semência", isto é, literaturidade, momentum em "que o tecido de significantes atinge o seu mais alto grau de inserção no tempo". Cf. CAMPOS, Haroldo de. *Signantia quasi coelum - Signância quase céu*. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 15.)

É como Clarice que leio Lispector. Sou pessoa contida numa proposição não expressa formalmente. Os garranchos nos cantos de páginas solicitam o repertório de outras leituras outras. Liminaridade. Ponto de passagem requerendo a leitura de outros textos, meditar outras imagens. Ao ler e reler sou uma pessoa implícita.

É como Roland que leio Barthes. Sou estes fragmentos de um discurso amoroso. Surpreendo-me com sua literaturidade. Sempre suscito, mais que sublinho no original o trecho: - Quando leio, meu "corpo é o mais imaginário de todos os objetos imaginários". A voz alta me desperta da leitura ou permaneço em silêncio lendo Agamben como Giorgio, Grammont como Guiomar, Sant'Anna como Sérgio. E como outro que lê, vou lendo o outro que sou.

AS TRÊS PESSOAS MAIS ESTRANHAS

B r u n a

K a l i l

O t h e r o

era uma vez três pessoas-que-na-verdade-eram-palavras-mas-ainda-assim-pessoas-talvez-animais-personificados-em-pessoas-em-palavras:

o sr. futuro, o sr. silêncio & a srta. nada.
eram os três muito estranhos. explico:

o sr. futuro estava sempre com uma parte desaparecendo. escrevia seu nome sem a primeira sílaba, dizia que ela era "incompatível com a sua personalidade".

o sr. silêncio violentava a própria existência para se comunicar, sangrando e andando suprimido pelos cantos.

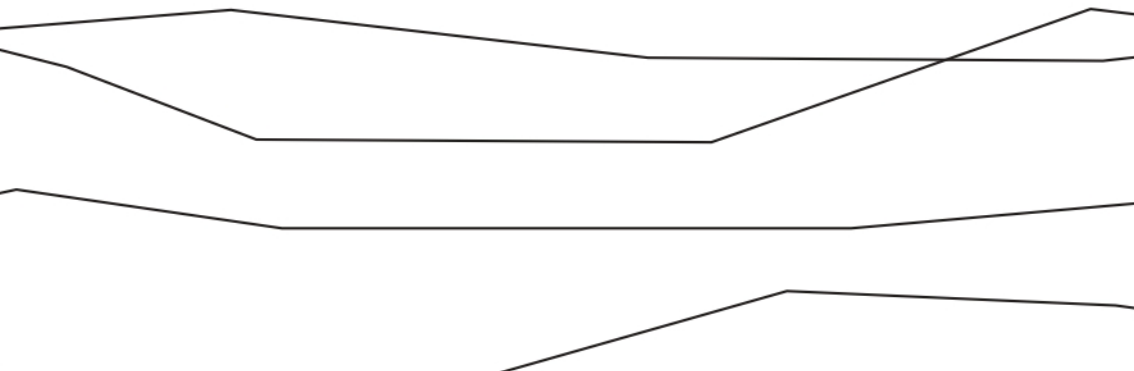
e a srta. nada, a menos estranha, era como toda mulher:

algo que não cabe em nenhum não ser.

FAROL

Meio. Tradução. Trair. Vestígio. Telúrico.

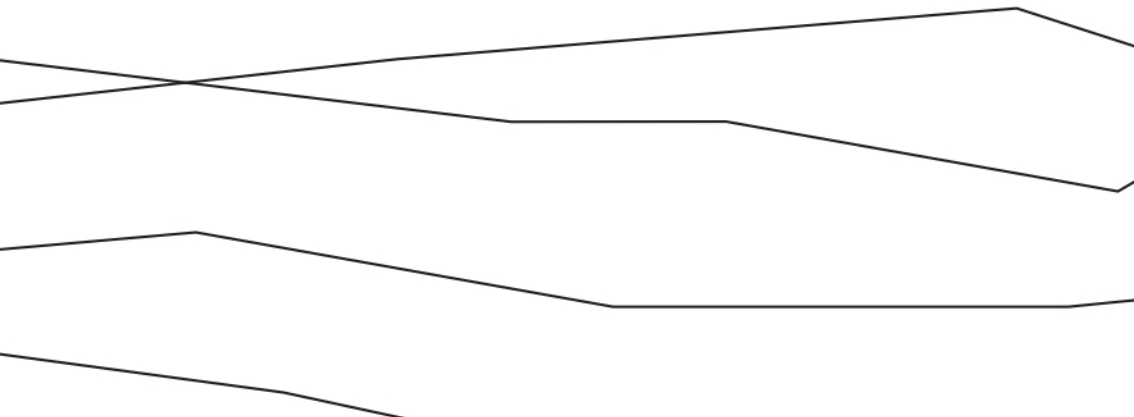
l a g o P a s s o s



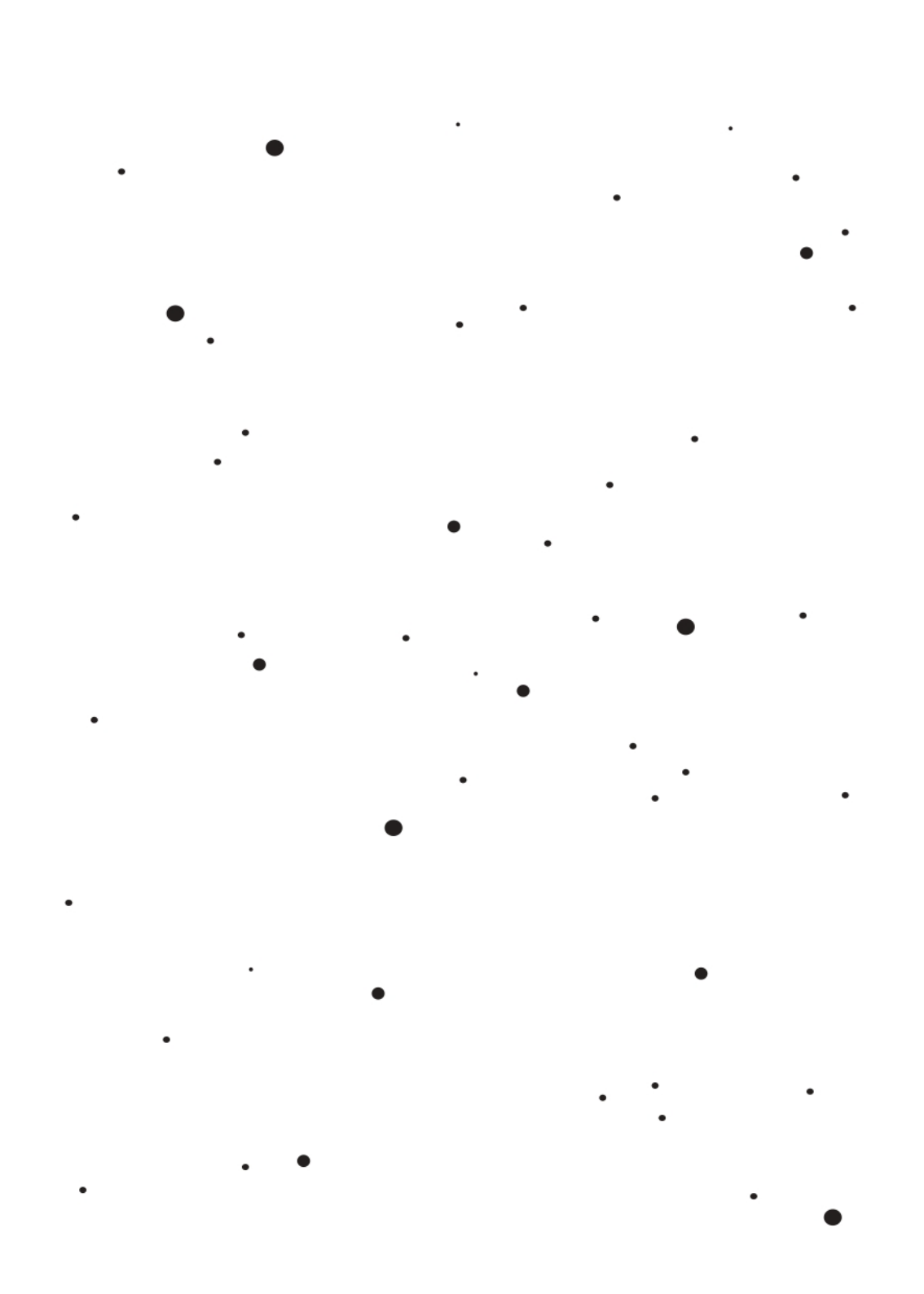
Cavalo. Paraquedas. Contratempo. Imprevisto. Olho. Palavra.

Alecrim. Desvio. Mar.

Araucária. Farol. Ressoar. Etcétera.



Conto palavras do mesmo modo que conto estrelas. Aliás, não se contam estrelas, se contam os pingos de luz que eu vejo e me dizem que por ali naquela direção - no infinito que eu não entendo muito bem como funciona - há, ou houve algum dia um corpo esférico luminoso rodando no espaço. Qual a palavra norte? Por que olho para esta, e não aquela? Como vim me prender nesse mundo de escolhas? Definitivamente não caí de paraquedas. Nada me amaciou quando caí em mim.



Depende do alcance do meu faro, depende do meu farol. As constelações de possibilidades não são arbitrárias e por si só já são um recorte do infinito que me escapa. Seguir aceso é meu mantra para não pisar em falso. Nesse sentido, as palavras - também as estrelas, os vagalumes, os sorrisos de crianças, os lampejos de belezas escondidas, que por vezes se revelam, e refletem no brilho dos meus olhos, ou no meu sorriso, enfim - funcionam para mim como faróis. Sinalizo que aqui há vida, e daqui também consigo enxergar quem me acende. Um amigo me disse que "quem é de verdade sabe quem é de verdade". Apesar de achar tudo muito relativo, principalmente a verdade, concordo que as afinidades se reconhecem pela frequência que emitem e a ressonância que criam entre si.

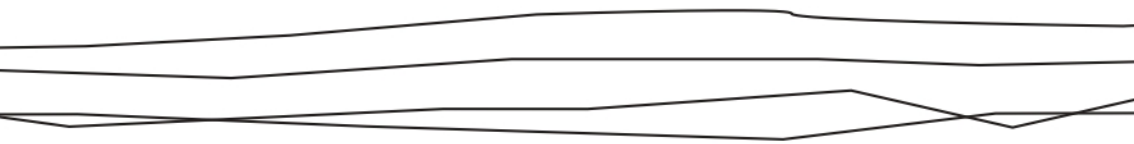




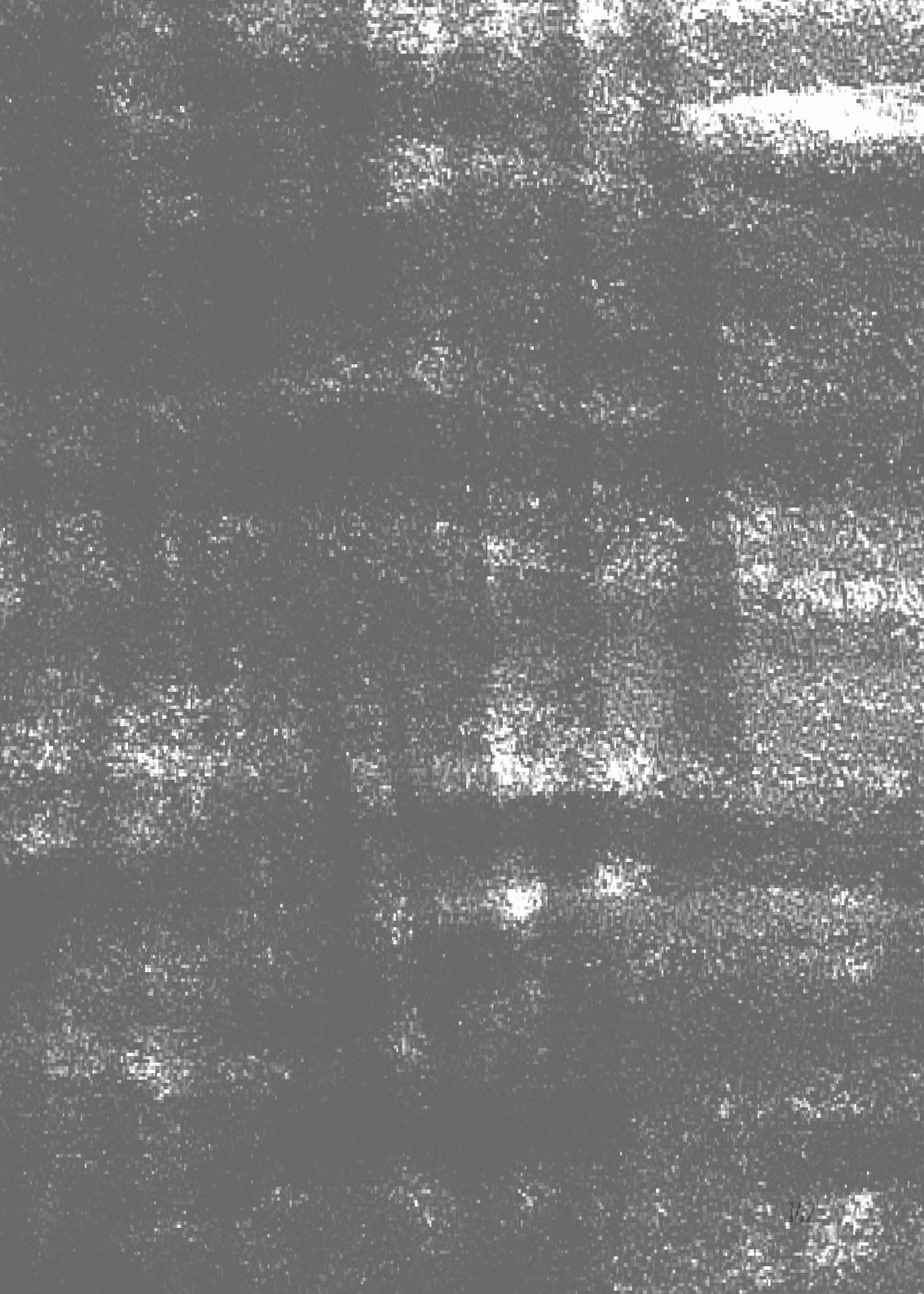


Este texto é uma escolha, um caminho, ou uma encruzilhada que antecede o percurso. É a minha luz errática e hesitante piscando, ciscando pistas. Mais uma vez me pedem um norte. Um eixo, uma coluna que sustentará o corpo das minhas escolhas. Sempre necessária alguma firmeza, que, contudo, não significa viseiras. Permaneço aceso às retas e aos desvios. Garimpo o óbvio, questiono a questão, jogo luz ao que vem pela frente. *Farol*: eis a palavra.





MAKING OF



BASTIDORES

Primeiro ato, envelopes. Metódicos, separados por disciplina e atividade. Dupla, movimento mecânico. Separação, prosa permanece. Numeração.

Segundo ato. Conjunto, votação. Sim, não, talvez. Talvez sim. Talvez não. Livro ou álbum? Sim. Proposta inicial.

Terceiro ato. Digitação, movimento mecânico. Talvez. Sim, não. Digitação, movimento mecânico.

Quarto ato. Introdução. Posfácio. Escolhas, decisões. Proposta final. Seminários. Debate.

Quinto ato. Em movimento harmônico, o conjunto se alinha. União. Groys, Perce e Barthes se juntam em um nó. Fecham-se as cortinas.

CARTA NÁUTICA

Uma caixa em cima da mesa, o que tinha dentro ninguém sabia. A proposta do capitão era que encontrássemos o tesouro no fim de nossa jornada de quatro meses de curadoria. Mares pouco navegados seriam explorados por nós, aprendizes.

Inicialmente ninguém podia ver o que seria usado nas nossas viagens, o caminho para o encontro do tesouro estava dentro daquela caixa misteriosa. Perguntávamos uns aos outros se o que estava lá era realmente tão valioso. O capitão explicava o que era curadoria e nos mostrava o que teríamos de fazer quando fôssemos navegar nesse novo mundo. Explicou o que teria naquela caixa, as cartas de navegação e como as usaríamos a nosso favor. Como selecionar as melhores cartas, como saber a melhor rota a seguir e como encontrar o caminho mais proveitoso para nosso tesouro.

Não houve muita teoria; quem navega, aprende em alto-mar. Sendo assim, foram distribuídas as cartas e todos líamos, analisávamos e, em comum acordo, encontrávamos o melhor caminho a seguir. Algumas eram descartadas logo de início, outras demandavam debate, e então encontramos uma forma de seletar com votos simples: sim-não-talvez.

Nossa jornada foi se passando e a cada novo dia o mar se tornava mais nossa casa. As seleções passaram a ser mais intuitivas e confortáveis, sabíamos para onde ir, e muitas cartas que mereciam o "não" começaram a recebê-lo com mais facilidade. Aprendemos que o controle do navio era necessário e que a decisão de tomar o rumo do "sim" nos levaria mais rápido ao tesouro.

Depois de imemoráveis cartas lidas, quarenta foram selecionadas e elas nos faziam sentir o tesouro. Ancoramos nossa embarcação e fomos explorá-lo. Agora o desafio era outro, cadaqual deveria encontrar a melhor forma de atrelar os "sins" para arrematarmos nosso caminho.

O fim estava mais perto do que nunca, éramos poucos marheiros, mas tínhamos um bom capitão. Sempre que falava do tesouro, víamos zelo e brilho nos olhos. Como a luz do sol que reflete nas águas quando estamos em alto-mar, assim ele nos fez entender que as joias estavam o tempo todo em nossas mãos. Agora o que faltava era a lapidação correta.



NÓS

O livro é um corpo.

E nós escrevemos como quem tem corpo.

Um corpo que diz, que sente.

Um corpo que tem tanto a dizer,

por ter tanto o que sentir.

Nós estamos vivos.

Somos livro.

– Vamos desejar juntos?

A *Revista Literária 50* me perguntava. Lembrei-me dos meus desejos antes de entrar para a universidade, que havia escolhido a Letras para ficar perto dos livros, mas, principalmente, perto da escrita. Mas os desejos se tornaram ilusões. Afinal, quando iria escrever? Por que iria escrever? Desejava ver a faculdade apoiando nossas escritas, assim como apoiou um dia a *Revista Literária*, mas não era o que acontecia. A revista se foi muito antes que eu chegasse aqui, mas sinto saudades. E pelos olhares perdidos no corredor, sei que não sou a única. Somos estudantes de letras. Amamos as palavras. Amamos estudá-las. Mas também queremos escrevê-las, livremente, como livro. Até que me descobri no meio de um projeto que me fez ter esperanças. O nascimento de um livro. Cheio de vida. Feito por nós. Quando me deparei com os envelopes fechados e o sonho que ele nos prometia, foi como um reencontro.

– Vamos.

PAPÉIS ESPALHADOS

Quando os vi em cima da mesa, fui tomada por uma curiosidade sobre o que poderia surgir daquele monte de envelopes. O que nos esperava? Será que naquele montante poderia realmente haver um material tão bom para virar um livro? Essas foram as primeiras perguntas que flutuavam pela minha mente quando nos foi dada a missão de descobrir um material incrivelmente bom para se tornar parte de uma coleção de livros. Estudamos primeiro o que é curadoria. Curadoria textual. Como nos tornar curadores de um texto? O que faríamos dali em diante não seria apenas uma seleção e organização. Tínhamos que entender o trabalho de um curador além do seu significado formal. Ao começar o trabalho de abrir os misteriosos envelopes, foi se tornando parte de nós a curadoria. Cada monte de textos que saía dos envelopes gerava uma alta expectativa. O primeiro momento foi de separar textos criativos de textos dissertativos. A sala ficou tomada por papéis espalhados, montes de papéis que guardavam a promessa de ter ali uma coisa preciosa. O nosso livro

vivo, o nosso livro farol. A primeira seleção foi feita; víamos, pela primeira vez, um pouco do trabalho se tornando concreto. O mais emocionante foi quando os primeiros textos foram ganhando o tão valioso SIM. Já começava a ficar concreta, pelo menos, a ideia do que poderia ser o livro. Livro que por enquanto era apenas um álbum. Ler cada verso e imaginar as folhas soltas se tornando uma narrativa fez com o que o processo fosse ainda mais gratificante. Depois da escolha dos textos, foi ainda mais extraordinário quando as propostas de organização surgiram. No momento em que cada um começou a apresentar o que havia pensado de narrativa para o livro concreto, eu vi que ali tínhamos realmente nos tornado curadores. Não apenas curadores individuais, pois aprendemos a trabalhar a curadoria como um grupo. Aprendemos a pensar e a enxergar a montagem de um livro de forma diferente. De forma que todos os detalhes são pensados e feitos para conversar com a obra que está nascendo. O livro vivo, o livro farol nos fez curadores.

SOBRE A ARTE DE CURAR

Colocar à prova um texto que contém o produto de reflexões de uma pessoa não é somente um trabalho mecânico de localizar erros gramaticais, acertos sintáticos, relevância semântica ou qualidade lexical. Antes disso, atinge um nível tão subjetivo que chega a ser perigoso.

Por diversas vezes a curadoria inundou o ambiente com sua neblina, trazendo dissensos, mas também ajudando na construção de um consenso que acaba perpassando todos os textos ao final do trabalho. Uma linha imaginária de sentidos junto da costura do livro-objeto.

Foi entoando o coro dos “sim”, manifestando em uníssono a opção pelo “não” ou usando a polifonia na incerteza dos “talvez” que se foi respondendo à pergunta-bumerangue: como julgar a pertinência e a qualidade de textos criativos? E o que dizer ainda de textos criativos escritos por colegas e amigos? É intimidador olhar para o topo da página e enxergar o nome daquele que está sentado a seu lado e é autor do texto que será lido em voz alta, ou então saber que se estará acessando uma parcela da mente daquele seu amigo tão íntimo, ou mesmo daquele não tão íntimo, mas sobre quem se sabe algo e se admira. A tarefa exigiu mais cuidado, não pelo medo de magoar, justamente o contrário. Por isso curar é um processo difícil de se definir:

Julgamento? Para esse contexto, parece uma palavra pesada demais, que traz à mente a cena de um tribunal e alude a um crime, mas não houve nenhum. Talvez uma ou outra violação de regras ortográficas, embriaguez de ideias e maus-tratos à língua, mas nada passível de condenação veemente e sem chance de pagamento de fiança.

Avaliação? A palavra se aproxima um pouco da ideia de equilíbrio, mas também remete a um certo distanciamento. Nem tanta subjetividade exacerbada e nem tanta objetividade cega. Uma equivalência utópica entre as sensações, percepções e primeiras, segundas e terceiras impressões sobre cada um dos textos.

Apreciação? Essa já remete a uma observação tímida, mas decidida, apontando para uma proximidade maior com o objeto, um olhar atento das nuances peculiares, das idiossincrasias. Há uma boa dose de conforto no termo, talvez por isso não se encaixe tão bem.

Aquilatamento? Talvez defina o ápice da arte da curadoria, mas não todo o processo. Determinar os quilates de todo o conteúdo daqueles baús em forma de envelopes, cheios de construções poéticas e em prosa. A realidade é que nem tudo chegava a ter sua pureza de ouro atestada, e isso precisou ser enfrentado sem rodeios.

É, ainda não dá para decretar um termo definidor para o que seria curar textos. Talvez só quem passe pelo processo consiga visualizar sua complexidade. E essas dúvidas sobre o todo são reflexo daquelas que tivemos pelo caminho e que demandaram reflexões sobre a própria arte de curar. Mas não há manual na hora de se fazer escolhas, por isso recorreremos a conselheiros: Barthes, Groys, Perec... e Brandão. E por meio das palavras deles conseguimos ampliar horizontes, estabelecer critérios e navegar mais calmamente por essas águas desconhecidas. E essa viagem foi mais produtiva e enriquecedora do que se poderia ter imaginado.

POST SCRIPTUM

Antes, eram os envelopes vazios: o papel pardo liso e brilhante, recém-saído da papelaria. Depois, foram sendo preenchidos por folhas; algumas cheias de palavras e outras nem tanto. As rubricas revelavam as identidades dos textos e, de certa forma, a personalidade de seus autores. Letras cursivas tortas ou perfeitamente desenhadas já anunciavam, no cabeçalho, a serenidade caótica da escrita. O oximoro foi proposital, o prenúncio da rubrica não diz respeito à coerência ou coesão do texto. Explico: as letras quase ilegíveis não anunciavam ininteligibilidade daquilo que foi escrito, mas demonstravam, no âmbito do sensível, o tortuoso caminho de quem busca a palavra por dizer. Da mesma maneira, as assinaturas simetricamente registradas não significavam que o texto, em sequência, fosse igualmente equilibrado – mas sim, carregado de um

insaciável desejo de ser compreendido pelo outro. O outro, seja no singular ou no plural, é o primeiro impulso da escrita, para quem o texto se direciona. “Quem eu pretendo marcar com o resquício da tinta com que manchei o papel? De qual envelope anseio fazer parte?” – pergunto ao meu desejo por vir. Desejo o livro que ainda não existe e espero que ele complete um novo vazio: agora, não mais dos envelopes que seus textos-embriões habitavam, mas aquele que é arisco à linguagem, que me leva à completa afasia, tolhendo-me a fala. O livro que fantasio tem pulsação própria, não depende de mim para ser vivo; mas precisa ser desejado para se concretizar. Livro vivo, que ainda germina, aguardo pacientemente sua eclosão; o fim deste hiato; o início de sua vida, porque sei que a reminiscência do meu silêncio é o eco de sua palavra

Parece-me – pois só disponho aqui de meu próprio testemunho – que aquilo que eu fantasio é a fabricação de um objeto; eu me imagino fabricando esse objeto, programando as fases de sua fabricação, como um artesão: pensar na obra-prima [...] tendo em vista um objeto final, visionado em sua totalidade material; como uma artista, pelo menos romântico: esse objeto é o livro?

Roland Barthes

UM EXERCÍCIO DE CRÍTICA LITERÁRIA

Sim. Como isso que se põe em obra. Os textos requerendo paratextos para se tornarem um “dispositivo de encontros”. Narrativas em prosas e versos reclamando agora outra narrativa: de curadores e curadoras como um *editor-narrador*.

Phantasio essa Obra como corpo que não seja infenso à efusão lírica. Como volúvel consciência a se deixar capturar desde a capa do livro, o primeiro paratexto. Códice sugerido como espécie de portfólio de microenredos por seus sintagmas narrativos cronotópicos, que se organizam em pequenas unidades sintagmáticas ou seções, sobressintagmados pelo nome inventado da obra: *LIVROVIVO*, *LIVROLIVRE*, *LIVROFAROL*, da coleção *PHANTASIA*.

Guiado pela imagem que poderia ser outra que não fosse a imagem-guia do *romance de formação*? Que me obriga ao relato de sua preparação: ementa prevendo o exercício de curadoria para a publicação de um livro, na bibliografia básica constando os capítulos a serem lidos de *Arte, poder* de Boris Groys, *Pensar/classificar* de Georges Perec, *A preparação do romance* de Roland Barthes, entre outros de Agamben, Chartier, Genette e Paiva.

Se destacamos a leitura da polêmica entre Paulo Roberto Pires e Nelson de Oliveira, no caderno *Ilustríssima* do jornal *Folha de S.Paulo*, em quatro sucessivos domingos do mês de agosto de 2011, foi por compartilhar com eles as dificuldades de abordar tema tão vasto: explicar com clareza os critérios adotados para selecionar textos literários contemporâneos para uma antologia. Refletir sobre essa polêmica foi útil para o desenvolvimento de nosso trabalho de *curadoria textual*, porque reconhecemos as antologias como “um poderoso exercício de crítica literária”, o que permitiu à equipe editorial definir as formas de seu trabalho de curadoria:

- 1) Efetivar uma leitura “às cegas” dos textos – não orientada por ementas –, porém criteriosa, respondeu a três normas de seleção: SIM, NÃO, TALVEZ;
- 2) Propor a cada curador e curadora elaborar sua própria NARRATIVA EDITORIAL, resumida pelas primeiras linhas de cada texto literário em verso ou prosa, levou em conta um OBJETO FINAL.

Assim, foi decidido, pela equipe de *Curadoria de Textos*, que havendo divisão da Obra em "seções temáticas", essas fossem:

a) Assinadas pela *leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência* dos textos literários que compõem a própria coletânea;

b) Sugestivas, quando tituladas, evocações que não tivessem nome determinante impondo orientada leitura. Que fossem abstrações nomeadas com engenho e arte, capazes de serem reinventadas pelos leitores. Quem sabe, fantasias diferentes, subtraídas à lógica do sintagma narrativo e da cronologia, desmembradas do tempo e das idades dos narradores, como sonhava Marcel Proust.

Comprendermos o tênue fio narrativo ou "temperamento" de cada subjetividade, letramento, suburbiografia, personalidade, estranhamento e equivocidade em prosa e verso nesses textos literários contemporâneos, seria o objeto para a ordem do livro a ser ficcionalizado por essa *Editoria-narradora* posta em *Obra*.



RELATOS DE ENVELOPES

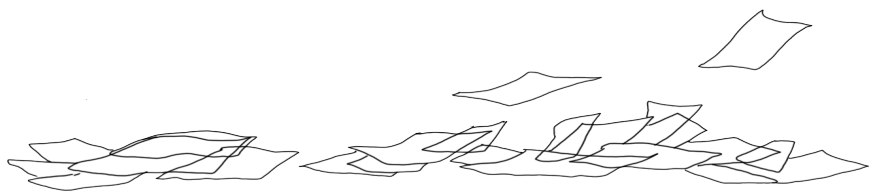
A primeira imagem que tivemos do nosso material estava encoberta por pilhas de envelopes fechados. Envelopes que muito bem poderiam ser confundidos com aqueles que guardam documentos, certidões, lembranças, esquecimentos. De certa forma, nossos envelopes guardavam certidões e testemunhos, mas das mais brilhantes e instigantes produções feitas nas disciplinas de escrita criativa. Foram, no entanto, mais que isso: cada envelope era um poço profundo em que mergulhávamos nosso balde curatorial, a fim de resgatar o seu tesouro.

Esperávamos ouro em meio ao lodo. Algumas vezes podíamos ver tímidos resquícios de prata, que nos davam indícios de que deveríamos persistir na busca. Dito e feito. Puxávamos nosso balde e víamos surgir o que era inefável, um bosque sagrado, frutas que eram colhidas à beira do rio, em que se podia ver, longínqua e cinzenta, uma ponte ligando cidades, permitindo testemunhos no ônibus, máquinas ambíguas, canções em fá maior... Resgatamos tudo isso e, a cada passo, um genuíno e orgânico orgulho foi-se desenvolvendo. Reluzia. Esperávamos ouro. Encontramos um livro farol.





Os textos "Os dois chavões mais estranhos", de Renato Mendes, "Os cinco gatos mais famintos", de Sthefanie Magalhães Castro Paiva, "As três palavras mais estranhas", de André Victor, e "As três pessoas mais estranhas", de Bruna Kalil Othero, foram livremente motivados pelo poema "As três palavras mais estranhas", de Wisława Szymborska, traduzido por Regina Przybycien no livro *Poemas*, publicado pela Companhia das Letras em 2011.



Leio, logo, existo. Liberto-me. Sou livro.

Beatriz Fontenelle





L788

Livro farol / Organizador: Luis Alberto Brandão. – Belo Horizonte :
Laboratório de Edição da Fale/UFGM, 2022.
170 p. : il., p&b. (Voo Livre).

ISBN: 978-65-87237-59-6 (impresso)

ISBN: 978-65-87237-58-9 (digital)

1. Editores e edição. 2. Escrita. 3. Criação (Literária, artística,
etc.). 4. Gêneros textuais. 5. Produção de textos. I. Santos, Luis
Alberto Brandão. II. Universidade Federal de Minas Gerais.
Faculdade de Letras. III. Título. IV. Série.

CDD : 070.5



A coleção Voo Livre acolhe produções ficcionais, poéticas e outros experimentos escriturais de alunos da Faculdade de Letras da UFMG, especialmente aquelas resultantes de atividades acadêmicas desenvolvidas na área de Edição. As publicações passam por um processo de curadoria e são estabelecidas pelo Labeled – Laboratório de Edição da Fale, composto por bacharelandos em Edição – bolsistas e voluntários – supervisionados por docentes da área. O presente livro foi impresso pela Imprensa Universitária UFMG em sistema digital, papel pólen soft 80 g/m² (miolo), composto em caracteres Avenir, títulos em StonyIsland.

